

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

6 a 19 de Agosto de 2012 | Nº 10 | Ano 1

Director: José Luís Mendonça

•Kz 50,00

LETRAS

Pag. 9-11

Homenagem a Rui Duarte de Carvalho

ARTES

Pag. 7

“Hebo,” novo romance de João Miranda

“Hebo” leva-nos a uma reflexão de pendor pedagógico, sobre a real possibilidade de uma paz duradoura, evitando a possível repetição da guerra civil.

ARTES

Pag. 16-18



Paulo Kussy:
a antropométrica
(de)composição do
espaço



Pag. 19-20

Festival de Jazz de
Luanda Três noites de
euforia musical



África
Fashion Week
Nova Iorque
2012

Pag. 23-24

DIÁLOGO INTERCULTURAL Pag. 27



Cem anos de
Jorge Amado
lirismo escapulado entre
o cidadão e o escritor

LETRAS

Pag. 14-15



A circulação
do livro em Angola

ANDARIA DESCALÇO

Andaria descalço pelas trevas do tempo, ouviria sonetos escondidos por detrás do arvoredado e o zunir do mar entrar-me pelo meio das pernas.

Uma escadaria que por ventura aparecesse, subiria ou desceria, conforme os casos, claro, ainda a sombra dos choupais despedidos neste outono de que ano nem me importa, imaginava serem umas vinte e três horas, sentia no brilho do luar que descia súbito contra os meus olhos ainda cansados.

Sei porque sinto. Por isso sei. O ponto mais próximo do sonho está a chegar, isto se conseguir, preparo as objectivas, tento vislumbrar com as minhas ânsias este silêncio arrumado num pasto, a um canto qualquer da minha alma.

Secar sob este sol as lágrimas desperdiçadas pelo hábito, “mais vale a pena chorar pelo que já perdemos”, enquanto penso, atravesso um Danúbio, um Zaire, um Amazonas, um Nilo, invento-me acompanhado por batuques, cavaquinhos, guitarras, ou então, a electrónica da actual moda de músicas sem sexo. Igual.

Victor Burity da Silva



Victor Burity da Silva nasceu na cidade do Huambo, a 28 de Dezembro de 1961, reside no Lubango e trabalha em Luanda. Estudou Jornalismo em Lisboa, e trabalha na Universidade Independente de Angola, (UniA), desempenhando as funções de Secretário-Geral e Director de Biblioteca. Possui os cursos de Bibliotecnia, Documentação e Investigação Científica, e Gestão Académica, pela Universidade Mandume ya Ndemufayo, Lubango. Participou em várias colectâneas de prosa e poesia, com publicações literárias em vários jornais e revistas portuguesas, obtendo vários prémios e menções honrosas.

Escritor de literatura angolana, autor de várias obras, entre as quais se destacam:

- Rua dos Anjos (do qual se extraiu parte do texto para manuais escolares de Português, (12ª classe – Angola), Porto Editora, 2009;
- Este Lago Não Existe, Porto Editora, 2009;
- Novembro, Porto Editora, 2011.

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Um jornal quinzenal comprometido com a dimensão cultural do desenvolvimento.

Nº 10/Ano II de 6 a 19 de Agosto de 2012

E-mail: cultura.angolana@gmail.com / Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe | José Luís Mendonça
Editor de Letras | Isaquiel Cori
Estudos, Recensões e Resenhas |
 Coimbra Adolfo (Matadi Makola)
Assistente Editorial: | Berenice Rocha
Fotografia | Paulino Damião (Cinquenta) e Arquivo do Jornal de Angola
Arte e Paginação | Jornal de Angola

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Angola
 António Quino, David Capelenguela, Filipe Zau, Francisco Bernardo, Francisco Rebello, Frederico Ningi, Jaime Azulay, J.A.S. Lopito Feijóo K., Jomo Fortunato, Nguimba Ngola, Manuel Jorge, Patrício Batsikama, Pepetela, Ras Kilunji, Simão Souindoula, Victor Burity da Silva, Zetho Gonçalves
Moçambique | Eduardo Quive
França | Lauren Ekué

FONTES DE INFORMAÇÃO:

AGULHA
 Revista de cultura, São Paulo, Brasil
Correio da UNESCO, Paris, França
AFRICULTURES, Portal e revista de referência das culturas africanas, Les Pilles, França
MODO DE USAR & CO., revista de poesia sonora e visual, em vídeo, e também escrita. Editada por Angélica Freitas, Fabiano Calixto, Marília Garcia e Ricardo Domenec, Rio de Janeiro, Brasil

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
 Redacção 333 33 69 | Telefone geral (PBX): 222 333 343
 Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
 E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração
 António José Ribeiro | presidente
Administradores Executivos |
 Catarina Vieira Dias Cunha
 Eduardo Minvu
 Filomeno Manaças
 Sara Fialho
 Mateus Francisco João dos Santos Júnior
 José Alberto Domingos
Administradores Não Executivos |
 Victor Silva
 Mateus Morais de Brito Júnior

NORMAS EDITORIAIS

O Jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e recensões bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.



José Luís Mendonça

Do preconceito literário

1 “Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito”, disse um dia o brilhante físico Albert Einstein, decerto decepcionado com o rumo que os homens deram à História da Humanidade no século XX.

A ilustrar esta asserção do ilustre autor da teoria da relatividade, encontra-se disponível na internet o registo de uma experiência científica que abaixo tenho a honra de transcrever, com a devida vénia para o autor que, infelizmente, não vem citado: “Um grupo de cientistas fechou 5 macacos numa jaula, colocou no centro uma escada e, sobre ela, um cacho de bananas. Quando um macaco subia a escada para apanhar as bananas, os cientistas lançavam um jacto de água fria aos que estavam no chão. Depois de um certo tempo, sempre que um macaco tentava subir a escada, os outros enchiam-no de pancada. Passado mais algum tempo, já nenhum dos macacos subia a escada, apesar da tentação ser grande. Então, os cientistas substituíram 1 dos 5 macacos. A primeira coisa que ele fez foi subir a escada, sendo rapidamente retirado pelos outros, que o surraram. Depois de algumas surras, o novo integrante do grupo desistiu de tentar subir a escada. Um segundo macaco foi substituído, e passou-se o mesmo, tendo o primeiro substituto participado, com entusiasmo, na surra do novato. Um terceiro foi trocado, e a história repetiu-se. Um quarto e, finalmente, o último dos veteranos foi substituído. Os cientistas ficaram, então, com um grupo de 5 macacos que, mesmo sem nunca terem tomado um banho frio, continuavam a bater nos que tentassem chegar às bananas. Se fosse possível perguntar a um deles porque batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria: ‘Não sei, as coisas sempre foram assim por aqui...’”

Está a crescer, entre nós, um preconceito que redundava num efeito perverso manifestado na produção incipiente de alguns autores (sem faixa etária definida) que, pelo facto de possuírem um escasso capital de leitura em língua portuguesa, ostensiva e inconscientemente publicam algumas obras que, de Literatura, só o formato do produto (o livro impresso) lhe aproveita o nome.

2 De que preconceito estamos nós a falar? Do nefasto preconceito de que a Literatura é diferente das outras Artes e que se pode dar à estampa um texto com a marca de literiedade, sem um prévio i capital de cultura geral, sem antes se assimilar a herança histórico-literária da Humanidade (nos seus aspectos mais representativos, não na sua totalidade, é claro) e sem se ter um domínio seguro da principal ferramenta da escrita literária: a língua. Mas, o que é mais doloroso é que todo aquele que tenta levantar a luz sobre este preconceito é escoraçado como o macaco que, na jaula do processo criativo, tenta subir ao cacho de bananas. E os que o escoraçam, os que lhe dão porrada, nem sequer sabem porque agem assim. Para estes, o mais importante é apresentar um livro qualquer e figurar na imprensa como escritor. Quanta árvore sacrificada, para tão efémera vaidade! Já o escritor francês André Gide havia chegado à paradoxal conclusão: “É com bons sentimentos que se faz Literatura ruim.”

A Literatura ruim é fruto do preconceito literário ou da ausência da moral, um dos pressupostos da criação literária. Expressa-se frequentemente com ostensiva aversão à crítica. Atitude letal para a Literatura Angolana, pois ele há mesmo autores plenamente convictos que se pode, no século XXI, retroceder para o grau zero da criação literária, o que redundava na formação do paradigma da desvirtuação (falta de qualidade) e da falsificação (plágio ou colagem) da Literatura.

3 É urgente que, autores e críticos literários, subamos juntos a escada que leva ao cacho de bananas da boa Literatura, pois só com muito esforço e unidade se pode provar que um átomo não é desintegrável, já o preconceito contra a boa literatura, esse, sim, é perfeitamente redutível.



Sumário

ECO DE ANGOLA

Andaria descalço | poema de Victor Burity da Silva

Do preconceito literário | José Luís Mendonça

FESTINETO

Agostinho Neto: poeta-político e a literatura de língua portuguesa | Manuel Jorge

LETRAS

“Hebo” novo romance de João Miranda - Uma incursão histórica no esteio da ficção narrativa | Jomo Fortunato

“Dois Anos de Vida”, de Luís Fernando - Crónicas eivadas de vida, de ternura pelo género humano | Pepetela

Ruy Duarte de Carvalho: “Talvez porque na vida é como uma viagem | David Capelenguela

David Mestre: uma singela homenagem | Lopito Feijóo S. K.

Quando eu fui a Benguela | Nguimba Ngola

Os caminhos por que anda o livro em Angola | Isaquiel Cori

ARTES

Paulo Kussy: a antropogeométrica (de)composição do espaço | José Luís Mendonça

IV Festival Internacional de Jazz de Luanda: três noites de euforia musical | Analtino Santos (Ras Kilungi)

Esculturas do Lobito - Imagens de grata contemplação na “sala de visitas” de Angola | Jaime Azulay, em Benguela

“Angola, Mares & Lagoas” - um excelente trabalho de Carlos Lopes | Filipe Zau

AFRICA FASHION WEEK Nova Iorque 2012 | Lauren Ekué

GRAFITOS NA ALMA

A baixa estirpe de um cartoonista italiano | Filipe Zau

Cinema no telhado

Beleza grega vs Beleza muntu-angolana | Patrício Batsikama

DIÁLOGO INTERCULTURAL

Cem anos de Jorge Amado. A poesia da Bahia: lirismo escapulido entre o cidadão e o escritor | Matadi Makola

Rota pernambucana da escravatura. A Kianda foi levada para o Brasil | Simão Souindoula

Tufo a dança das muthianas horeras | Eduardo Quive

BARRA DO KWANZA

Bichota da velha baixa | conto de António Quino

NAVEGAÇÕES

Poemas de Francisco Rebello



Manuel Jorge

Agostinho Neto: poeta-político e a literatura **de língua portuguesa**

António Agostinho Neto nasceu em 17 de Setembro de 1922. Quer isto dizer que a sua adolescência se formou quando o Professor Oliveira Salazar, ao criar o Estado Novo em Portugal, estava a realizar as premonições do Velho do Restelo, que Camões descreve nestes termos:

*“Ó gloria de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama
O fraudulento gosto, que se atiaça
C’uma aura popular, que honra se chama
Chamam-te ilustre, chamam-te subida
Chamam-te fama e glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana.”*

Essa constatação da adolescência, Agostinho Neto vai exprimi-la mais tarde, quando, em 1947, deixa Angola, para ir cursar Medicina em Portugal. Então, Agostinho NETO deixa uma carta, ou como diriam os Angolanos da sua época: uma “mukanda”. Uma carta, para a sua mãe-genitora, mas também carta, para a sua mãe-pátria.

ADEUS À HORA DA LARGADA

*“Minha Mãe, (todas as mães negras cujos filhos partiram).
Tu me ensinaste a esperar,
Como esperaste nas horas difíceis.
Mas a vida
Matou em mim essa mística esperança.
Eu já não espero
Sou aquele por quem se espera.
Amanhã,
Entoaremos hinos à liberdade,
Quando comemorarmos,
A data da abolição desta escravatura.”*

De repente, o poeta se faz político. E não se trata, aqui, de uma visão messiânica do seu papel político. Mas, da SAGRADA ESPERANÇA dos filhos de Angola, que Agostinho Neto vai enaltecer. A passagem do singular ao plural, mostra que o projecto não é individual. Ele é colectivo. E o tema da mãe é corrente, na literatura de língua portuguesa. Escutemos, por exemplo, Fernando Pessoa :

*“Por te cruzarmos,
Quantas mães choraram.
Quantos filhos, em vão rezaram,
Quantas noivas ficaram por casar,
Para que fosses nosso, ó mar.”*

É esse mar comum, que também é um fosso de incompreensão, que Agostinho Neto sublinha nestes termos :

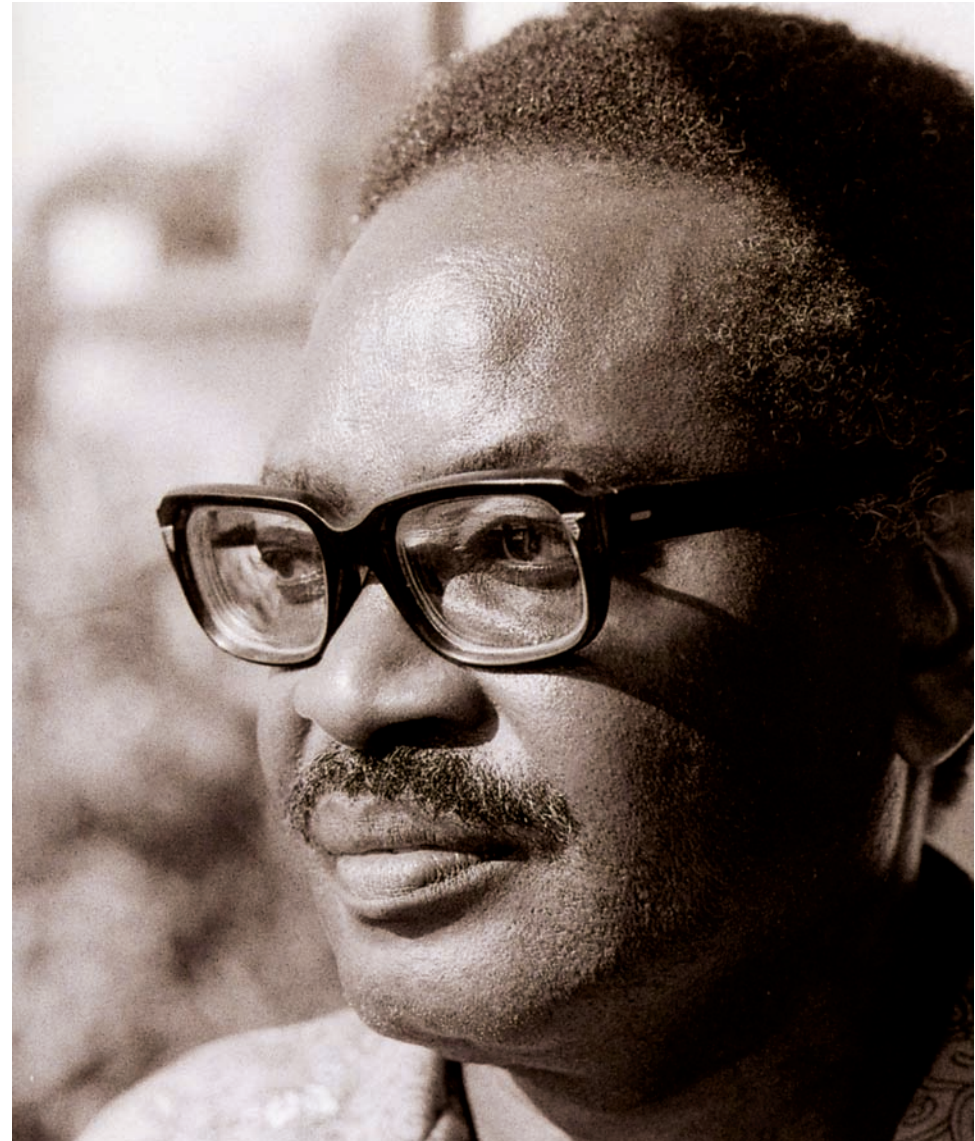
*“O oceano separou-me de mim,
Enquanto me fui esquecendo nos séculos
E, eis-me presente,
Reunindo em mim o espaço,
Condensando o tempo.
As minhas mãos colocaram pedras
Nos alicerces do mundo.
Mereço o meu pedaço de pão.”*

É pois, armado com essa SAGRADA ESPERANÇA, que Agostinho Neto chega a Portugal.

Entre Lisboa e Coimbra, ele forjou o seu fado. O seu destino estava traçado. Na Casa dos Estudantes do império, o poeta faz-se cada vez mais político:

*“Havemos de voltar,
às casas
às nossas lavras*

*Às praias
aos nossos campos
Havemos de voltar.*



*À marimba e ao kissange
ao nosso carnaval
havemos de voltar.*

*Havemos de voltar
a Angola libertada
Angola independente.”*

O tom faz-se cada vez mais veemente, exprimindo aquilo que o poeta sente. Ao chegar a Portugal, Agostinho Neto compreende a necessidade da passagem do local ao universal, na contestação da opressão colonial.

Da literatura brasileira, Agostinho Neto estudara a GEO-POLÍTICA DA FOME e a GEOGRAFIA DA FOME de Josué de Castro. Também trilhara os caminhos dos CAPITÃES DA AREIA, de Jorge Amado, como do mesmo autor conheceu as alegrias tristes de GABRIELA, CRAVO e CANELA, ou o sofrimento inofismável de TERESA BAPTISTA CANSADA DE GUERRA. Mas, foi sobretudo no Nordeste, de Graciliano Ramos, que compreendera que a sorte dos contratados de Angola não era diferente da dos homens dos outros continentes.

Porém, Agostinho Neto não adere à visão do LUSO-TROPICALISMO, tal como a expõe Gilberto Freyre. Para Agostinho Neto, o acto de colonização não se pode resumir na coabitação da Casa Grande e Sanzala. Eis, porque a poesia de Agostinho NETO, toma um cariz social.

*“A quitandeira,
Que vende fruta, vende-se.
Minha Senhora,
Laranja, laranjinha boa!
Compra laranjas doces,
Compra-me também, o amargo
desta tortura,
da vida, sem vida.
compra-me a infância de espírito
este botão de rosa
que não abriu.*

princípio impelido ainda para um início.

*Tudo tenho dado,
até mesmo a minha dor
e a poesia dos meus seios nus
entreguei-a aos poetas.
Agora, vendo-me eu própria.
Compra laranjas,
minha senhora.
Leva-me para as quitandas da vida.”*

O mesmo tema se repete em **PARTIDA PARA O CONTRATO** ou em **CONTRATADOS**.

*“Longa fila de carregadores
domina a estrada.
Com os passos rápidosvão.
Olhares longínquos,
corações medrosos,
braços fortes.
Sorrisos profundos como águas profundas,
cheios de injustiças
caladas no imo das suas almas.
E cantam !”*

Longe da sua terra, Agostinho Neto não está sozinho. A poesia está ao seu lado. Francisco José Tenreiro e Alda do Espírito Santo estavam com ele, mesmo no desterro, em São Tomé. Eunésimo da Silveira era o companheiro da poesia de Cabo-Verde. Mas, o exílio interroga-nos sobre a nossa própria acção. Ele interroga a nossa inacção.

Como Manuel Alegre, Agostinho Neto também “pergunta ao vento que passa, notícias do seu país. E o vento cala a desgraça. O vento nada lhe diz.”

Ele vai voltar! E quando regressa a Angola, a sua constatação é amarga :

*“Quando voltei,
as casuarinas tinham desaparecido da cidade.
E também tu amigo Liceu,
voz consoladora dos ritmos quentes da farra,
nas noites dos sábados infalíveis,
Também tu tinhas desaparecido.
E contigo,
os Intelectuais,
a Liga,
o Farolím,
as reuniões das Ingombotas,*



a consciência dos que traíram sem amor.”

Era o fruto da política de Salazar, de que Manuel Alegre também descreve a mesma visão:

*“Quando desembarcamos no Rossio
canção
vão dizer-te que a vida não é um rio.
Vão vestir-te com grades,
que é a roupa para todas as idades,
na Pátria dos poetas,
em Rossio triste.”*

Desde logo, Agostinho Neto vai forjar um novo imperativo, que não é já o imperativo categórico de Kant. Esse imperativo, que é uma injunção gramatical, é sobretudo uma obrigação política.

*“Criar, criar,
Criar no espírito, criar no músculo, criar no nervo
Criar no homem, criar na massa,
Criar,
Criar com olhos secos.*

*Criar,
Criar, sobre a profanação da floresta
Sobre a fortaleza impudica do chicote.*

*Criar sobre o perfume dos troncos serrados
Criar,
Criar com olhos secos.*

*Criar, criar,
Criar liberdade nas estradas escravas,
Algemas de amor nos caminhos paganizados do amor,
Sons festivos sobre o balanceio dos corpos,
Em forças simuladas.*

*Criar,
Criar amor com os olhos secos.”*

A palavra de ordem de Agostinho Neto espalhou-se então por todo o mundo, numa recolha de poemas intitulada **“Com olhos secos”**, *“Con occhi asciuti”*, como se diz em italiano.

Alguém dissera que *“O poeta é um fingidor/ que chega a fingir que é dor/ a dor que deveras sente”*. Em Agostinho Neto, talvez seja melhor buscar no samba, a explicação do seu pudor:

“Quero chorar, não tenho lágrimas.”

O Ngola Ritmos desapareceu, o Samba não pode substituir o Semba. Mas pode inspirar um poema.

*“Apetece-me escrever um poema.
Um poema traçado sobre aço.
Escrito com as flores da terra,
Esculpido no amor.
.....
Não escreverei o poema.
Escreverei cartas à minha amada.
Preencherei os espaços claros dos impressos
Com letra impecável.
E, nos intervalos,
Cantarei canções afro-brasileiras.”*

Como os **“Capitães da Areia”** de Jorge Amado, Agostinho Neto vai trilhar novos rumos. O projecto é construído nas prisões de Salazar. Como António Gramsci, Agostinho Neto também escreveu os seus *Cadernos do Cárcere* :

*“Aqui no cárcere,
a raiva contida no peito
Espero pacientemente
O acumular das nuvens.
Ao sopro da história,
ninguém
impedira a chuva.”*

E quando o projecto se torna realidade, agora que a prisão já não tem grades, Agostinho Neto trilha novos caminhos:

“Caminho do mato

*Caminho da gente
Gente cansada*

*Caminho do soba
Soba grande
Caminho do amor
Amor do soba*

*Caminho do mato
Caminho do amor
Do amor de Lemba."*

Fernando Pessoa dissera, referindo-se ao Padrão que Diogo Cão deixara nas praias de Angola:
*"A alma é divina
E a obra é imperfeita."*

Agostinho Neto, muito cedo, compreendeu a dimensão imperfeita da obra colonial e entendeu que era preciso refazê-la. Contrariamente à visão de Pessoa, que concluía o seu poema dizendo: *"E o por fazer é só com Deus"*, Agostinho Neto pensa que compete aos homens realizar o seu próprio destino. O poeta, aqui, é político: *"Eu não espero. Eu sou aquele por quem se espera."* Agostinho Neto di-lo no seu poema **MUSSUNDA AMIGO**, mas sobretudo no **IÇAR DA BANDEIRA**.

Ao convocar os personagens da História de Angola, o poeta social faz-se épico:
*"Quando eu voltei,
os braços dos homens
a coragem dos soldados
os suspiros dos poetas,
tudo, todos tentavam erguer bem
alto
acima da lembrança dos heróis
Ngola Kiluanji
Rainha Ginga
todos tentavam erguer bem alto
a bandeira da independência."*

Mas Agostinho Neto, poeta social, poeta épico, também sabe ser bucólico ou lírico. Camões disse um dia:
*"Verdes são os campos
da cor do limão
assim são os olhos do meu coração."*

Agostinho Neto, tratando do mesmo tema, escreveu:
*"Os campos verdes, longas serras, termos largos
estendem-se harmoniosos na terra tranquila
onde os olhos adormecem temores vagos
acesos mornamente sob a dura argila."*

Mas, Agostinho Neto não pode esquecer a dimensão social e política, mesmo quando ele quer ser lírico. É assim que ele conclui, pois, o seu poema dizendo:
*"São as vozes, em coro na impaciência
buscando paz, a vida em cansaços seculares
nos lábios, soprando uma palavra: independência."*

Talvez seja preferível concluir aqui, receando que Agostinho Neto nos venha interrogar, qual Mostrengo:
*"Quem vem poder
o que só eu posso,
que moro onde ninguém me visse?"*

Agostinho Neto morreu em 1979, deixando como obra política: O Estado Independente de Angola e, como obra poética, uma recolha com o título 'Sagrada Esperança'. Se ele pudesse, talvez não dissesse como Camões: "Não mais, Musa, não mais." Agostinho Neto teria dito certamente:
*"Perguntem ao povo, quem fala assim,
Perguntem ao povo, quem fala em mim.
Perguntem ao povo,
Se se diz tudo o que se sente,
Se tudo o que se cala, se consente."*

No que me respeita, cumpre-me somente dizer como Fernando Pessoa:
"Da obra ousada, é minha parte feita."

Ou, talvez como o poeta angolano Mário António de Oliveira:
"Aconteceu poesia. "

Manuel Jorge nasceu em Luanda, onde concluiu o ensino secundário no Liceu Salvador Correia. Estudou Direito na Universidade de Coimbra. Participou na luta de libertação nacional, em Cabinda. Actualmente é Professor na Universidade Paris-Sorbonne René Descartes, advogado em Paris, presidente da Casa de Angola em França e membro do Conselho de Administração da ENAD em Angola. Tem obras publicadas sobre direito, sociologia, economia e literatura.



“Hebo” novo romance de João Miranda Uma incursão histórica no esteio da ficção narrativa

Reflexão sociológica sobre as crenças e efeitos perniciosos da guerra civil



Jomo Fortunato

A guerra e os seus efeitos trágicos, no plano da história, e o tratamento entrecruzado da acção narrativa, no plano do discurso, fazem de Hebo, o novo romance de João Miranda, um notável apontamento sociológico, consubstanciado no registo romancado do passado político e social mais recente de Angola.

Estamos no tempo das ideologias, a revolucionária e a outra, onde o percurso individual de cada personagem confere inteligibilidade aos momentos de triste memória da história de Angola. Neste sentido, Hebo leva-nos a uma reflexão de pendor pedagógico, sobre a real possibilidade de uma paz duradoura, evitando a possível repetição da guerra civil.

A sucessão e o encadeamento dos episódios, constituem um pretexto para destapar o véu das origens das famílias, da degenerescência dos valores culturais endógenos, dos efeitos nefastos do tribalismo, das crenças, das opções políticas, face à antinomia entre a preservação da tradição e a crescente absorção dos valores globais da modernidade.

Um dos grandes méritos do autor, terá sido a selecção de um conjunto de ocorrências reais, organizadas de forma sequencial, prevendo operações e opções tácticas precisas, com o intuito de atingir objetivos previamente estabelecidos, reutilizando, por transfiguração, nomes e locais que se resguardam, frescos, na nossa memória colectiva.

Embora empreenda um processo claramente ficcional, existem lugares no livro, tal como o reinado jaguarense, que se opõe ao Estado Republicano, que nos parece uma localidade mítica do tempo da guerra, que o mundo e os angolanos bem conhecem. É nesta verosimilhança que o autor se socorre para relatar, em termos de intencionalidade, vários momentos da nossa história, adoptando uma postura de “fingimento”, não estabelecendo um corte radical e irreversível com o mundo real.

Mundos possíveis

As referências e alusões, em Hebo, devem ser entendidas, como pseudo-realidades que se concretizam através da construção de mundos possíveis, ou seja, mundos cuja existência é meramente textual, mas sempre com endereço depreendido, no mapa político de Angola.

Cada capítulo da narração cria um determinado universo de ocorrências, onde se inscrevem as personagens, os seus atributos e esferas de acção, ou seja, das contradições entre Ngana Minga, mãe de Má-



lua Francisco Kunga, e Dona Augusta Dias, mãe de José Dias da Costa, Mabakala, à crença no kianga, poder mágico, que ocasionou a misteriosa morte de Francisco Kunga, João Miranda organiza a sua estratégia narrativa, como pretexto para abordar, de entre várias questões, a assimilação colonial, transcrevo: “Acorrida dos africanos ao status social compatível fazia-se através do encosto aos europeus, sob várias formas. Uma das maneiras fazia-se por oferecimentos de filhos para serem baptizados por casais europeus com os quais se mantinha alguma relação de compadrio com famílias europeias”, esclarecia o pastor Manuel Bumba às crescentes curiosidades de Ngana Minga, cuja aproximação acabou numa “pesada carga de desejos”.

Crenças

Tanto é assim que, ainda em luto do falecido marido, correu o boato de Ngana Minga se ter engravidado do Pastor Manuel Bumba, por Ubenda (adultério) e por essa razão ter sido apelidada, pelos mais radicais, de ndumbu (vadia). Para uns, Nga Minga, ter-se-ia socorrido do aborto, evitando o vexame no seio dos mais conservadores, para outros, e segundo a tradição ngola, tratava-se de Hebo, uma falsa gravidez, que, de temporária, poderia ressurgir num espaço de vários anos. Para Nga Minga tratava-se de uma praga do falecido marido e seus familiares, que defendiam a reposição do Kilembu (dote), ou lundulo, a continuidade matrimonial da viúva por um membro da família do viúvo.

“Algum tempo depois, torno a citar o autor, finalmente o Hebo viu a luz do dia. Era um menino sadio, rapaz de invejável robustez”. Aliás amores, encontros, desencontros, traições, exemplos de patriotismo e ofensas à moral, em situação de guerra, dão corpo à estruturada narrativa, num processo de enunciação que se compreende em função de um

movimento temporal, facilmente reconhecível nos grandes momentos dos últimos quarenta anos da história de Angola, representada pelo percurso controverso e trágico do casal, Málua e Paulo Afonso Pedro Kaumba, o último irmão de Tshilombo Kaumba, uma das principais personagens de Hebo. De facto o casamento adiado com Sabino Sithole, o destino infeliz e as peripécias trágicas de Tshilombo Kaumba, embora com um final relativamente feliz, constituem a espinha dorsal das ocorrências mais emblemáticas do período da guerra no reinado jaguarense, até a sua fuga, transformada depois em refugiada, percurso que, infelizmente, muitos angolanos conheceram.

Conflitos do passado

Nesta perspectiva Hebo, enquanto género do modo narrativo, instaura uma dinâmica temporal imposta, por um lado, pela história relatada, que vai desde o movimento estudantil universitário em 1974, passando pelo 27 de Maio de 1977, simbolizado pelo comandante guerrilheiro Kienda Menha, e guerra civil, até ao ponto de encontro de famílias desaparecidas. Por outro lado, o discurso inerente a essa história revela uma linguagem, carregada dos hábitos e arrogâncias de uma época, que pretendemos enterrada e esquecida.

Hebo foi particularmente talhado para modelizar em registo ficcional os conflitos do passado, as tensões e o devir do homem angolano inscrito na história e na sociedade do futuro, sem guerra e em plena paz. Daí que um dos grandes méritos deste romance, é a forma como o autor consegue articular o encadeamento dos episódios, com o reencontro das personagens, instâncias que o leitor julga desaparecidas, do cenário da acção narrativa, voltando a reaparecer, descobrindo entre si, laços muito próximos de consanguinidade.

Reencontros

Com esta estratégia, João Miranda leva-nos a lembrar que a guerra foi travada, de facto, entre irmãos desavindos, vejamos então as ocorrências: Pedro Kaumba Saviemba, filho de Tshilombo Afonso Pedro Kaumba, julgado morto na corrente do rio Zambeze, acabou por ser julgado pelo tio, Paulo Kaumba, Sabino Sithole encontrou Tshilombo Kaumba, no Centro de Refugiados de Viana. Depois de julgadas desaparecidas Gia e Afonso Francisco Paulo Kaumba, baptizado Kaunda, encontram-se numa festa em Kimbulungo. José Dias, Mabakala, irmão de André Francisco Kunga, encontra-se com a sua meia-irmã, Málua.

No fundo, Hebo é um estudo da complexidade da alma e do absurdo da vida humana, no sentido existencialista, com os seus defeitos e virtudes, das relações sociais, em reflexão filosófica, em reportagem, e em testemunho polémico. Da acção principal às ramificações secundárias, envolvendo de modo decisivo o destino das personagens, estamos em presença de um romance que, no fundo, tenta responder à interrogativa: Quem somos nós?



A odisseia da guerra em "Nambuangongo"

Deputado do MPLA e antigo Ministro das Relações Exteriores da República de Angola, de 1999a 2008. João Bernardo de Miranda é membro funda-

dor da União dos Jornalistas Angolanos (UJA) e está filiado na União dos Escritores Angolanos (UEA). Jurista, e actual governador da província do Bengo, exerceu a função de enviado especial da União Africana na Guiné Bissau, e teve como missão, a nível desta organização, instaurar a reconciliação para as eleições presidenciais e reforma da defesa e segurança. Enquanto jurista e jornalista, João Miranda exerceu ainda os cargos de vice-ministro da Comunicação Social, e vice-ministro das Relações Exteriores. É membro da Ordem dos Advogados de Angola. Publicou Nambuangongo (1998), um romance sobre a guerra nesta povoação do norte de Angola, na província do Bengo, ocupada pelos nacionalistas angolanos no início da guerra anti-colonial, em 1961. Nambuangongo só veio a ser retomada pelo exército português em Agosto, ainda deste ano, porém, a guerra durou mais treze anos. Os escritores portugueses: Manuel Alegre, Fernando Assis Pacheco e José Cardoso Pires, foram soldados em Nambuangongo. João Miranda publicou também, "Pathelo-a-Kuma", o menino de inteligente (2002), levada à cena em Portugal, Porto, pelo encenador João Luiz.

Luís Fernando já é um reconhecido jornalista e ficcionista. E tem um projecto, que se vai consolidando, de todos os anos publicar em livro as crónicas que semanalmente escreve para o jornal "O País". Assim foi com o livro "Um Ano de Vida", reunindo as crónicas do período entre Novembro 2008 e 2009. Agora apresenta "Dois Anos de Vida", referente ao espaço entre os Novembros de 2009 e 2010. Foi esta obra com a qual destinou honrar-me, pedindo um prefácio.

Leitor fiel e amigo do escritor, cumpro assim com prazer a missão. O que me permitiu visitar muitas das crónicas que já conhecia do jornal. Mas, antes de entrar por aí, gostaria de referir que o Luís sempre me engana na idade, pois tem ar mais jovem que a idade do bilhete de identidade. E a desenvoltura. Se pensarmos que estudou e se formou e começou a sua actividade jornalística, pela rádio, com 17 anos, vemos bem que é um produto intelectual da Independência. Pertence à primeira geração dos filhos dela, a pioneira. E isso talvez conte muito na sua maneira de ver o mundo e, sobretudo, de o escrever.

Ele próprio se define como descendente de camponeses do Uíje, muito orgulhoso do seu Tomessa natal, certamente um verdadeiro paraíso para crianças (imagino eu), cheio de pássaros de todas as cores, morros e matas onde se refugiam ainda alguns animais selvagens e muitas sombras estranhas e nativas, uma paisagem de sonho. A Independência permitiu-lhe aspirar a mais que a sua aldeia, se tornando um angolano de espírito aberto e cidadão do mundo. Não é difícil detectar isto tudo nas suas crónicas.

No entanto, embora viajando e conhecendo muitas outras culturas, se mantém fiel ao cantinho onde nasceu, reservando-lhe enorme carinho e devoção em algumas crónicas. E, de vez em quando, desenterra no baú das recordações os tempos bons e os ensinamentos recolhidos neste local mítico, com

os mais velhos, particularmente os pais. Comoventes são por exemplo referências à sua mãe, os conhecimentos de vida com ela aprendidos, às comidas por ela preparada (não há melhor que a comida da nossa mãe, por muitos e requintados restaurantes que possamos frequentar por esse vasto e exótico mundo, é conhecido, embora nem sempre reconhecido).

As crónicas apresentam uma extrema variedade de situações, de estórias do dia a dia, quer no Uíje quer em Luanda, quer onde calhe. Há no entanto uma grande unidade na sua diversidade, unidade baseada em alguns valores muito prezados por Luís Fernando e que transparecem na sua escrita

“Dois Anos de Vida”, de Luís Fernando Crónicas eivadas de vida, de ternura pelo género humano

PEPETELA

bem cuidada. Para além do humor e alguma aparente ligeireza de cenas abundantes do nosso viver, há sempre um carinho particular por pessoas com problemas, simples mas com trabalhadoras, os verdadeiros criadores da riqueza nacional. Os tipos sociais com que cruzamos todos os dias na rua dominam a escrita. Cada um com as suas fraquezas e grandezas. É um verdadeiro exército de tipos diferentes, que nos fazem sorrir, ou sentir o coração apertado, que nos fazem sonhar com o futuro, ou preocupar com o presente. No entanto, o optimismo, a crença no povo, na força desses indivíduos

aparentemente fracos e que conseguem sobreviver a tudo, é a marca dominante. Críticas também surgem, a comportamentos, a figurões, a sistemas de vida ou de poder. Nem tudo é feito para agradar e portanto a escrita revela alguns podres. Mas sempre no sentido de apontar caminhos e esperança, chegaremos lá! Mas também há referências a pessoas que nos marcam, desde Mandela e Obama a uma operária, competente no seu labor, mais próprio de homens. E futebol, frequentemente. E sempre, a nossa habilidade inata para dar a volta a impeditivos, complicações, obrigações ou maldades alheias. A vida, enfim, com seus heróis conhecidos e seus anónimos, não menos heróis por isso.



Luís Fernando é um felizardo, bom observador, sabe aparar golpes traiçoeiros e lançar altas gargalhadas. E é generoso, nunca esquece os outros, acha que a sorte deve ser partilhada. Não é preciso conhecê-lo pessoalmente para o perceber. Basta ler as suas crónicas, eivadas de vida, de ternura pelo género humano, de paz consigo próprio.

“Dois Anos de Vida” é a prova desta maneira de ser e conviver. Ainda para mais, com elevada qualidade literária. Esperemos por muitos nãos de vida... e de crónicas.

Ruy Duarte de Carvalho

“Talvez porque na vida é como uma viagem”

David Capelenguela

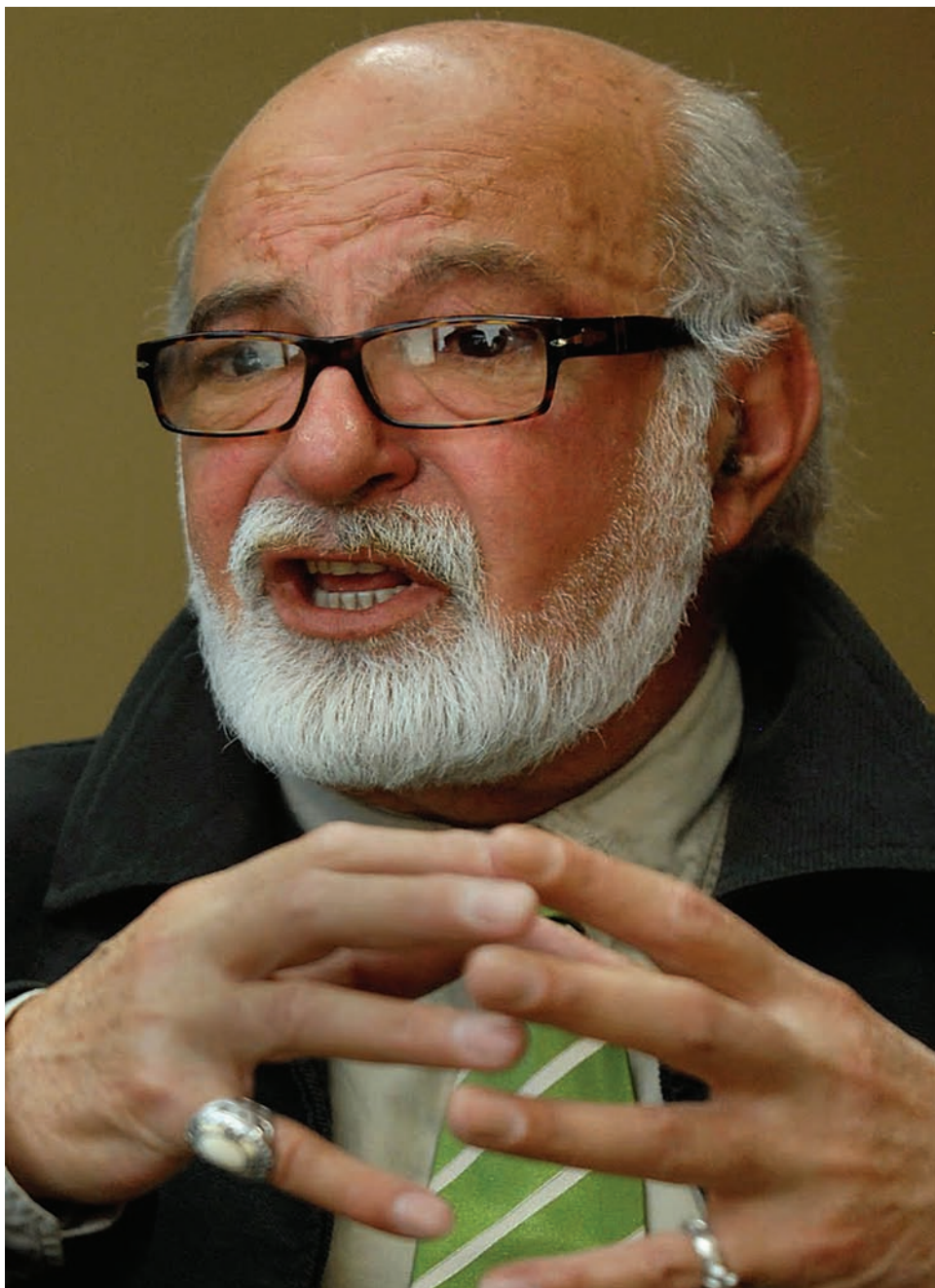
“Lá por onde tenho andado ultimamente, entre os paralelos 14 e 17, do Carujamba ao Cunene, as artes de que sobretudo dou notícia são aquelas expressões, de actividade humana imediatamente ligadas ao exercício de estar vivo e de dar continuidade à vida”.

Abro este artigo com estas linhas de um texto de Ruy Duarte de Carvalho que dá pelo título de “Margem da zona limite”, que se destinara ao catálogo da exposição de António Ole, no espaço cultural Elinga, Luanda, Novembro-Dezembro de 1994, bem como o título que apresento como subtítulo do presente artigo “talvez porque na vida é como uma viagem”, tema apresentado pelo autor na Póvoa do Varzim, Portugal, em Fevereiro de 2001, como forma de evidenciar e dar corpo e sustentação à abordagem que trago como proposta neste mês de Agosto em que Ruy Duarte de Carvalho faz quatro anos desde que no dia 12 de Agosto de 2010 se despediu dos seus companheiros do mundo das artes e não só, em Swakopmund, Namíbia, onde viveu os seus últimos anos. Como o tempo não custa a passar! É evidente que a sua figura e feitos dispensam apresentação e já mais se apagarão das nossas mentes.

Ruy Duarte de Carvalho é homem de cultura. Exímio libertador da palavra, vergado na singularidade das actividades e nas forças do espaço em que se reserva, é absolutamente plural. Engajado e reservado num percurso subjectivo que é uma espécie de espiral de autoconsciência, extremamente produtivo e valiosíssimo enquanto autor; um dia disse:

“Foi de alguma forma a poesia que me fez passar pelo cinema e foi a partir do cinema que me tornei antropólogo”.

Assumir uma aventurada tentativa de olhar, ler, procurar compreender e dialogar com e sobre o vasto percurso artístico e literário de Ruy Duarte de Carvalho é um exercício de grande responsabilidade, exigência e rigor, dada a sua dimensão, conhecendo e convivendo um pouco com esta figura, como eu tive a primazia e orgulho. Sinceramente apenas vou tentar, e o farei com grande prazer e porque, pessoalmente, lhe devo gratidão, pois foi esta figura que me levou a tomar contacto com os aspectos inerentes à cultura tradicional e a oralidade, convivemos muitos anos, viajamos e fez-me conhecer o Namibe, da Bibala ao Chingo, Cainde, Virei, Tômbwa, Lucira, Curoca, Caru-



jamba, Caindi, Caitó e por ali adentro, os seus povos e culturas, formas de estar e ser, danças, adágios, provérbios, máximas, adivinhas, cantos, ritos de puberdade, formas de choro, sinais do rugir do leão e gestos até do ruminar

mo era o seu jeito, homem de pena afinada, culto e intelectual, faço-o com muito prazer.

Ruy Duarte de Carvalho, faz parte, com David Mestre e Arlindo Barbeitos, dos nomes mais sonantes que revolu-

“Foi de alguma forma a poesia que me fez passar pelo cinema e foi a partir do cinema que me tornei antropólogo”

do boi comum e do boi grado e mais.

E é por isso que advertido para a importância que um trabalho desta natureza se reveste no cômputo da contribuição para a divulgação da figura de Ruy Duarte de Carvalho, suas convicções, forma de pensar e encarar a realidade das questões políticas, sociais e culturais de Angola, assim mesmo co-

de Carvalho, David Mestre e Arlindo Barbeitos, “a dimensão narrativa da poética antecedente, tendencialmente épica e histórica, resultante de uma urgência de denúncia da situação colonial, é substituída pela dimensão simbólica e mítica, que a fragmentação e o experimentalismo do discurso manifestam”. A estudiosa, particularmente a Ruy Duarte de Carvalho, realça que este autor “foi progressivamente deslocando a sua actividade profissional no sentido de aprofundar: inicialmente regente agrícola, dedica-se mais tarde ao cinema e à antropologia, campos onde tem desenvolvido trabalho importante, e que, paralelamente, entram em consonância com as experiências criativas do autor, uma vez que permitem usar novos recursos expressivos, emprestados de outras artes e complementares à escrita poética. O seu trabalho de campo permitiu-lhe um conhecimento cultural do sul angolano, dos povos pastores, que o poeta trabalhou na sua poesia, procurando captar temas, ritmos, tradições, dando lugar na sua obra a uma descentralização temática da área quimbundo, e ao reviver do ruralismo.”

As derivações estilísticas que apontam para um reajustamento constante das relações entre o ético e o estético, pautando e direccionando-se para uma linguagem que, sendo autónomas entre si, diversificadas e plurais, surgem como apelo a uma nova formulação discursiva, identificam a obra de Ruy Duarte de Carvalho, não só na poesia mas em toda sua produção artística, pois apelando a uma leitura múltipla e dialéctica, os procedimentos discursivos que utiliza para produzir seus textos escritos, misto de imaginação poética, ficção, observação etnográfica, testemunho, memórias e ensaios, transitam – à maneira dos Herero e sobretudo dos pastores Kuvale, seu campo de intervenção e estudo ao longo de muitos anos – entre diferentes modos de objectivação, procurando estabelecer em seus argumentos, análises e interpretações sobre diferentes autorrias e autoridades, seja a literária, seja a etnográfica, seja mesmo a colectiva, inflectindo sobretudo no que diz respeito à etnopoiesia.

Assim, a sua produção, mais precisamente a escrita, reelabora de maneira poderosa e pessoal campos e questões – campos discursivos e questões conceituais – importantíssimos para pensarmos no que possivelmente ainda pode significar ser um escritor no mundo de língua portuguesa, com

seus problemas sociais, suas relações históricas e seus impasses políticos.

Sandro Ornellas (UFBA), diz que “é sobretudo pelo terreno da autoficção que Ruy Duarte se posiciona como sujeito ético, não a ética específica de cada um dos campos disciplinares por que migra em seus textos, mas a ética do sujeito que escreve, a ética do escritor. Relativizando o sujeito antropológico clássico forma tão famosa descrito por James Clifford no seu “A autoridade etnográfica” (2002), o escritor se vale de estratégias discursivas que o conduzem ao campo literário da ficção, quando digressões e divagações de diversas ordens fazem o argumento antropológico ser rapidamente deslocado e perdido de vista. Essas digressões fazem a subjectividade irromper no plano do discurso antropológico, relativizando-o em sua autoridade tradicional”.

Fazendo recurso ao livro “Vou lá visitar pastores”, no seu capítulo sobre o Giraul, Ruy Duarte de Carvalho apresenta-nos uma proposta bastante interessante, ora vejamos:

A parte norte do território Kuvale é, de alguma forma, excêntrica em relação à incidência maior do meu inquérito e das minhas experiências, tanto a recente quanto a remota, da infância. Mas no ano passado e no ano anterior andei por ali. De uma das vezes fui até Lucira e flecti depois para o interior, pela Mahandya. Aí atravessei o rio Carunjamba, para alcançar o Xingo. Estava a chover com força, corria água, mas dava ainda passagem. Quando mais à frente atingi o rio seguinte, o Inamandando, aí já não dava a voltei para trás, arripiei caminho apenas para constatar que o Carunjamba tinha enchido também, entretanto. Fiquei dez dias retido entre as duas torrentes e só consegui sair dali quando achei que ia dar se recorresse ao processo de meter o carro na peugada de uma manada de bois. Revolvem a areia e a lama do fundo, enquanto atravessam, e deixam mais firme o leito do rio. Com tracção às quatro rodas e aceleração certa conseguem sair, e é a maneira de escapar a tanta água acumulada por toda parte e a toda a sorte de cobras e lagartos que

em tais períodos da estação saem dos abrigos para refazer os ciclos que hão de devolver mais tarde, novamente, à secura, ao frio e ao sono.

Fugi literalmente dali e nem os magníficos bandos de humbi-humbi que todas as tardes cruzavam o céu chuvoso, azul-cobalto, em direcção ao Leste, me puderam evitar uma áspera crise pessoal, angústias de antropólogo, de nacional, de andarilho sem-eira-nem-beira bloqueado no espaço e nas dobras do tempo, enredado nas malhas da sua própria deambulação (Carvalho, 2000, p. 75).”

Sairmos de nós e atrevermo-nos a entrar no mundo realístico-ficcional da acção artística de Ruy Duarte de Carvalho é um exercício que, como tal, apenas tem um princípio e não tem fim, não porque tenhamos o desejo ou a sensação propositada de perdição, mas porque o percurso é delicado. A sua poesia, sempre virada para o convívio com os aspectos de intervenção tradicional-oral ou mítica, valem-se da força desta para lhe darem um refresco diferente e potencialidades de

dimensões incalculáveis. A tradição oral exige não só plena adesão interior, mas a perfeita exteriorização. A “memória muscular” é exercida nas festas, pois mobiliza e prescreve regras restritas de comportamento. São os ritos e as regras que regem a nossa gente..., estar e ser humilde deve ser sempre sagrado e bem visível aos olhos dos mais velhos, pois com a realização escrupulosa dos ritos os homens atingem o mundo do ser. A forma de se sentar para mulheres e homens, a maneira de fazer parte da conversa e tomar a palavra, saudar, o coro do canto e o gesto da dança quando chamado a fazer parte, o penteado feminino e masculino, o traje, tudo, tudo é feito com rigor e pormenorizadamente. E perceber estes gestos e formas de transmissão e conversão exige, quer do produtor como do consumidor, um contínuo cultivo e exercício de convivência com esta arte, se quisermos perceber e sentir a energia e acutilância de poemas como estes:

POEMAS

A terra que te ofereço

1

Quando,
ansiosa,
pela primeira vez
pisares
a terra que te ofereço,
estarei presente
para auscultar,
no ar,
a viação suave do encontro
da lua que transportas
com a sólida
a materna nudez do horizonte.

Quando,
ansioso,
te vir a caminhar
no chão de minha oferta,
coloco,
brandamente,
em tuas mãos,
uma quinda de mel
colhido em tardes quentes
de irreversível
votação ao Sul.

2

Trago
para ti
em cada mão
aberta,
os frutos mais recentes
desse Outono
que te ofereço verde:
o mês mais farto de óleos
e ternura avulsa.
E dou-te a mão
para que possas
ver,
mais confiante,

a vastidão
sonora
de uma aurora
elaborada em espera
e reflectida
na rápida torrente
que se mede em cor.

3

Num mapa
desdobrado para ti,
eu marcarei
as rotas
que sei já
e quero dar-te:
o deslizar de um gesto,
a esteira fumegante
de um archote
aceso,
um tracejar
vermelho
de pés nus,
um corredor aberto
na savana,
um navegável
mar de plasma
quente.

Chagas de salitre

Olha-me este país a esboroar-se
em chagas de salitre
e os muros, negros, dos fortes
roídos pelo vegetar
da urina e do suor
da carne virgem mandada
cavar glórias e grandeza
do outro lado do mar.
Olha-me a história de um país perdido:
marés vazantes de gente amordaçada,
a ingénua tolerância aproveitada
em carne. Pergunta ao mar,

que é manso e afaga ainda
a mesma velha costa erosionada.
Olha-me as brutas construções quadradas:
embarcadouros, depósitos de gente.
Olha-me os rios renovados de cadáveres,
os rios turvos do espesso deslizar
dos braços e das mãos do meu país.
Olha-me as igrejas restauradas
sobre ruínas de propalada fé:
paredes brancas de um urgente brio
escondendo ferros de educar gentio.
Olha-me a noite herdada, nestes olhos
de um povo condenado a amassar-te o pão.
Olha-me amor, atenta podes ver
uma história de pedra a construir-se
sobre uma história morta a esboroar-se
em chagas de salitre.

Venho de um Sul

Vim ao leste
dimensionar a noite
em gestos largos
que inventei no sul
pastoreando mulolas e anharas
claras
como coxas recordadas em Maio.
Venho de um sul
medido claramente
em transparência de água fresca de amanhã.
De um tempo circular
liberto de estações.
De uma nação de corpos transumantes
confundidos
na cor da crosta acúlea
de um negro chão elaborado em brasa.

(In *A Decisão da Idade, União dos Escritores Angolanos, 1976*)



Resumo da bibliografia de Ruy Duarte de Carvalho

POESIA:

- *Chão de Oferta*, Luanda, /O livro de Angola
- 1976 *A Decisão da Idade*, Luanda/Lisboa, UEA/Sá da Costa Editora
- 1978 *Exercícios de Crueldade*, Lisboa, "e Etc."
- 1980 *Sinais Misteriosos... Já se Vê...*, Luanda/Lisboa, UEA/Edições 70
- 1982 *Ondula*, Savana Branca, Luanda/Lisboa, UEA/Sá da Costa Editora
- 1987 *Lavra Paralela*, Luanda, UEA
- 1988 *Hábito da Terra*, Luanda, UEA
- 1992 *Memória de Tanta Guerra*, Lisboa, Editora Vega
- 1997 *Ordem de Esquecimento*, Lisboa, Quetzal Editores
- 2000 *Lavra Reiterada*, Luanda, Edições Nzila
- 2000 *Observação Directa*, Lisboa, Livros Cotovia
- 2005 *Lavra (poesia reunida 1972-2000)*, Lisboa, Livros Cotovia

NARRATIVA:

- 1999 *Vou lá visitar pastores*, Lisboa, Livros Cotovia
 - 2003 *Actas da Maianga*, Lisboa, Livros Cotovia
 - 2007 *Desmedida*, Luanda - São Paulo - São Francisco e Volta, Lisboa, Livros Cotovia
- #### FICÇÃO:
- *Como se o Mundo não Tivesse Leste*, contos, Luanda/Porto, UEA/Limiar
 - 2000 *Os Papéis do Inglês*, Lisboa, Livros Cotovia
 - 2005 *As paisagens Propícias*, Lisboa, Livros Cotovia
 - 2009 *A Terceira Metade*
- #### ENSAIO:
- 1980 *O Camarada e a Câmara*, cinema e antropologia para além do filme etnográfico, Luanda, INALD
 - 1989 *Ana a Manda - os Filhos da Rede*, Lisboa, IICT
 - 1997 *A Câmara, a Escrita e a Coisa Dita - Fitas, Textos e Palestras*, Luanda, INALD
 - 1997 *Aviso à Navegação - olhar sucinto e preliminar sobre os pastores Kuvale*, Luanda, INALD
 - 2002 *Os Kuvale na História, nas Guerras e nas Crises*, Luanda, Edições Nzila -
 - 2008 - *A Câmara, a escrita e a*

coisa dita, Lisboa, Livros Cotovia

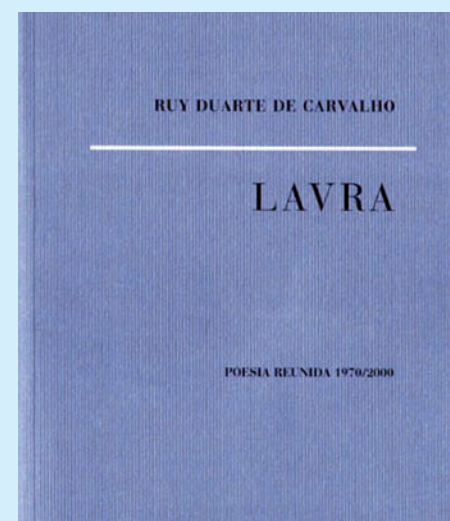
FILMOGRAFIA

- 1976 - *Uma Festa para Viver*, 40', p/b, 16mm, TPA
 - 1976 - *Angola 76, É a Vez da Voz do Povo* (série de 3 documentários, 100', p/b, 16 mm, TPA)
 - 1976 - *Faz Lá Coragem, Camarada*, 120', p/b, 16 mm, TPA - *O Deserto e os Mucubais*, 20', p/b, 16mm, TPA
 - 1979 - *Presente Angolano*, *Tempo Mumuíla* (série de 10 documentários, cerca de 6 horas, p/b e cor, 16 mm, TPA)
 - 1982 - *O Balanço do Tempo na Cena de Angola*, 45', cor, 16 mm, IAC
 - 1982 - *Nelisita*, 70', p/b, 16 mm, IAC
 - 1986 - *Videocarta para o meu irmão Antoninho*. 40', cor, video, Marítimo futebol clube da Samba.
 - 1989 - *O Recado das Ilhas*, 90', cor, 35 mm, Madragoa Filmes / Gemini Films
- #### PRÉMIOS
- Prémio especial do júri, Festival de Cartago (1983)
 - Prémio Cidade de Amiens (1983)
 - Prémio para a melhor realização e prémio da UNESCO, Festival de Ouagoudougou (1984)

- Prémio para a melhor ficção, Aveiro (1984)
- Prémios para o melhor filme, melhor realização, melhor actor e melhor utilização criativa do som. Festival de Cinema de Harare (1990),

Fontes de Consulta:

- 2008 - *A Câmara, a escrita e a coisa dita*, Lisboa, Livros Cotovia
- 2005 *Lavra (poesia reunida 1972-2000)*, Lisboa, Livros Cotovia
- 2002 *Os Kuvale na História, nas Guerras e nas Crises*, Luanda, Edições Nzila
- 1999 *Vou lá visitar pastores*, Lisboa, Livros Cotovia
- Internet



David Mestre

Uma singela homenagem



Lopito Feijóo S. K.

Teria completos sessenta e quatro anos de idade aos três de Agosto deste ano, caso o cidadão angolano Luís Felipe estivesse ainda entre nós. Escrevo sobre um crítico, jornalista e «maldito marginal». Escrevo sobre o poeta David Mestre falecido em Lisboa há alguns anos.

David foi enquanto vivo, e desde os idos de setenta, um crítico deveras demolidor e a ele se devem distintas propostas culturais e editoriais dentre brochuras, cadernos e suplementos literários marcantes no todo que é hoje a literatura angolana enquanto corpus afirmativamente balizado.

Do seu legado consta um primeiro livro publicado ainda nos finais de sessenta. Um livro julgado incipiente e cuja paternidade foi atempadamente renunciada (pelo autor, claro!) em razão do seu faro crítico. Do conjunto da sua obra salientam-se: Crónicas do Guetto, poemas, Cadernos Capricórnio Lobito, 1973; O Pulmão (narrativa, colecção bantu), Luanda 1974; Do Canto à Idade, poemas, col. «Nosso tempo, ed. Centelha, Coimbra 1977; Nas Barbas do Bando, poemas, ed. Ulmeiro, Lisboa, 1985; O Relógio de Cafucôlo, conto, Cadernos Lavra & Oficina, Lisboa, 1987; Nem Tudo É Poesia, estudos, UEA, Luanda, 1987, 2ª ed. revista e aumentada, col. 2k, UEA, Luanda 1989; Obra Cega, poemas, ed. do autor, Luanda, 1991; Subscrito a Giz, 60 poemas escolhidos (1972 – 1974), Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996; Lusografias Crioulas, ed. Pendor, Évora, 1997.

David Mestre foi antologado em: Angola – Poesia 71, 1972; Vector 3, 1972; Kitatu Mulungo (está aqui inserida a narrativa autogeográfica «O Plumão» escrita na prisão em 1971), 1974; Dizer País, 1975; Poesia Angola de revolta, 1975; Antologia da Poesia Pré-Angolana, 1976; No Reino de Caliban, 1976; Poesia de Angola, 1976; Lugar-comum, 1976-1978; Os Meus Amigos, 1983; Antologia da Poesia Angolana (ed. russa), 1985; Sonha Mama na África, 1987; Os Anos da Guerra, 1988; Cinquenta Poetas Africanos, 1988; Poemas a La Madre África (português – castelhano), 1992; Floriam Cravos Vermelhos, 1993; World Poetry, 1993. Alguns dos seus textos foram também traduzidos e publicados em espanhol, francês, inglês e russo.

Enquanto jornalista, conquistou o Prémio Nacional de reportagem instituído em 1985, pela União dos Jornalistas Angolanos e assinou de sua autoria algumas das mais saborosíssimas crónicas do jornalismo literário angolano.

David foi filiado da Associação Internacional dos Críticos Literários tendo nesta qualidade participado no IX Congresso da AICL, realizado em Alma-Ata, na República do Cazaquistão onde deixou marcas de grandes referencia segundo nos confidenciou o poeta, também crítico português, João Rui de Sousa.

O «Mestre» e crítico David estudou e homenageou com os seus escritos vários autores das mais longínquas latitudes geo – literárias como: Luandino, Pepetela, António Jacinto, Uanhenga Xito, Agostinho Neto, Aires de Almeida Santos, Ernesto Lara Filho, António Cardoso, o próprio Mário António na veste de poeta, Sousa Jamba, Luís Carlos Patraquim, José Craveirinha Ruben Fonseca, Alberto da Costa e Silva bem como Jorge Amado sem esquecer o mestre António Cândido dentre outros grandes. Neste domínio David Mestre revelou-se, cívica e politicamente um autor simultaneamente polido e mordaz.

Nacionais e estrangeiros, vários foram os críticos que sobre a sua poesia meditaram. Dentre tantos com reputável afirmação contam-se um Mário António Fernandes de Oliveira, Pires Laranjeira, Eugénio Lisboa, Pedro Tâmen, Vieira de Freitas, Jacinto do Prado Coelho,

Fernando Martinho, Luís de Miranda Rocha, Manuel Ferreira, Xosé Loís Garcia, Ana Mafalda Leite, Francisco Soares, João Maria Vilanova, Ana Maria Martinho, Jorge Macedo, E. Bonavena e entre outros (sem falsa modéstia), o autor que aqui escreve.

Segundo Pedro Tâmen, em 1973 David revelava-se já, «Um autor angolano com uma inesperada capacidade de invenção verbal e criação poética», -valendo como tal-, muito acima de oitenta por cento dos «notáveis poetas metropolitanos», de então.

Temos para nós como ponto mais alto dos seus escritos poéticos os textos que deram corpo ao mais (in)acabado dos livros do autor:

Nas Barbas do Bando. Uma co-edição da União dos Escritores Angolanos e da Ulmeiro editora (Portugal) sobre a qual aqui ficam alguns parágrafos que, certamente possibilitarão melhor e mais profunda penetração no universo cada vez mais obscuro, tecnicizado e de prazerosa leitura da poesia deste que se revelou o maior dos intimistas no domínio, entre os Angolanos.

Uma atenta leitura de Nas Barbas do Bando deixa-nos a ideia do rigor estrutural da criação/produção dos textos e tão bem do próprio livro enquanto todo. Dele resulta a beleza, e a economia do palavreado poético, que se enleva a horizontes atmosféricos que nos lembram o total sentido plástico dos sinais de tipo geométrico gravados em perspectiva circunferencial, por exemplo, na estação arqueológica do Tchitundo-Hulo.

Transporta a moderna linguagem poética marcada pelo ênfase clássico de alguma poesia oriental bem como pelo conjunto de traços, feições e qualidades que caracterizam a própria poesia africana, ao contrário do que nos faz crer a prefaciadora do livro, no texto intitulado “uma poética da Dês (centração)”, quando atribui ao autor da obra poética em questão, “uma notável apropriação da modernidade poética ocidental”.

Condensa-se na obra a vasta cultura poética e literária do autor de Crónica do Ghetto (1973) e Do Canto à Idade (1977), que vai desde o perfeito conhecimento da língua, -factor que lhe permitiu a colocação exacta de uma dada categoria de palavras nos versos-, a um ambiente de vibração espiritual que pressupõe sensibilidade geométrica, cuja perspectiva espaço-temporal obriga-nos a considerar não só as relações e as posições dos elementos textuais e figurativos mas também os imagético-textuais de premissa mítica.

Socorreu-se o autor, naturalmente, de motivos de grande intimismo assim como de conhecimentos e, sobretudo, experiências poéticas aliadas a um alto sentido de relação intertextual da qual resultaram os textos componentes do livro constituído por três distintas partes, iniciando cada uma delas por um poema “que serve de núcleo energético disciplinador e simultaneamente motivador dos títulos que se seguem”.

Entretanto, atente-se à título exemplificativo, Estricta Poesia Escrita (pág.33) texto que disciplina na segunda parte os nove ou-

tros que lhe seguem e aonde além da exactidão numérica da estrofes, (aliás a exactidão estrófico-extrutural caracteriza quase todos os textos do livro onde o atento leitor) encontrará no segundo quinteto, bem assente, a mestria do poeta David nos significantes intervalos artísticos-literários dos quais resultaram as decomposições/decontracções de uma em duas palavras operando-se então uma transferência (bi)unívoca entre o campo semântico e o fonético. Atente-se igualmente a alternância ternária do verso primeiro nas estâncias de que se compõe:

“Estricta Poesia Escrita/com os dedos enlameados/da vida/vivida/de costas//Poesia escrita estricta/e única mente para/bólica/como um grito e/móvel//Estricta poesia estricta/aos círculos que fazem/as pedras/aos mergulhar/para sempre”.

Entretanto, conhecemos ainda na sequência desta a OBRA CEGA. Um caderno com apenas duas dezenas de páginas editadas pelo autor à margem das vias e processos editoriais habituais. Nela o poeta Vuelve a ser Eucalipto (O. Paz), e na linha do livro acima referenciado reafirma ser pouca a arte p’lo silêncio consentida quando à págs. 7, num poemeto, auto retrata-se quase mesmo em silêncio, dizendo: Nada sei/ e o que presumo/ emudeceu/ de perfeição.

Até aqui o autor apresentava-se distinto, nas suas propostas, em cada um dos três livros anteriores. A diferenciação é agora pouco notória apesar de singulares referências locais como a Rua da Maianga, a Calçada dos Enforcados, as casas baixas no Bairro dos Coqueiros, a Fortaleza hoje feita museu e até mesmo o crepúsculo e grandes pássaros brancos.

Deparámo-nos agora com motivos poéticos tocados e retocados por poetas luandenses de décadas anteriores a da geração que forjou o poeta David Mestre e cujo lastro vem certamente dos idos de quarenta.

Finalmente diremos, nesta singela homenagem, que sobre este autor, indubitavelmente, muito mais poderíamos ter escrito, principalmente no domínio do simbólico e até mesmo sobre o conteúdo e estrutura artística dos textos pois, “o texto artístico” – segundo Lotman – pode ser examinado enquanto texto várias vezes codificado. E é precisamente essa qualidade que consideramos quando falamos da polissemia da palavra literária e da impossibilidade de traduzir a poesia em prosa...”



Quando fui a Benguela...

Nguimba Ngola

Pela segunda vez meus pés estacionaram as terras de Ombaka. Benguela, fundada em 1617 era então a designada São Filipe das Acácias. Bem canta Quental “bela mulata/princesa do mar”. Sobre as asas das gaivotas, num ambiente sereno e clima ameno, com povo alegre, amigo e acolhedor, rasguei culturalmente seus recantos. “ao ver praia morena/fiquei a sonhar...”

Com o objectivo de cultivar a arte da declamação e expandi-lo às demais localidades e conseqüentemente o incentivo a leitura, foi agendado o dia 28 de Julho como data da inauguração do Núcleo Lev’Arte Benguela sob o slogan “Recital Flamingo das Acácias”, no Centro Embala Típico na Restinga do Lobito. Com esse propósito, em função das festividades do sexto aniversário do Lev’Arte, enfiei-me num bus1 e segui caminho com o meu amigo Zé Isolde Sangama, declamador do Movimento. Na madrugada de Sábado instalamo-nos numa das várias unidades hoteleiras da Cidade Linda, não fosse constrangimentos com a gerência pelo mau serviço ao cliente, única excessão pois, fomos bem recebidos e tratados nos demais locais que visitamos, teríamos descansado na tarde do dia 28. A rua da Sé recebeu-nos e instalamo-nos na Hospedaria Oil Center Service. O evento foi marcado para 18 horas, nessa hora decorria na Feira do Livro de Benguela no Largo D’Africa várias actividades, O Catador de Bufunfas de Roderick Nehone estava sendo apresentado por Arlindo Isabel ladeado pelo director da cultura Mário Kagibanga. Reparti-me, uma parte de mim estaria na Feira e a outra em Lobito. Gociante Patissa, Paula Russa e Martinho Bangula faziam parte da plateia na apresentação do livro, este último transportou-nos rumo a Restinga do Lobito, conhecida como a “Sala de visitas de Angola” é na verdade uma extensa língua de areia, banhada de azulado mar pelos dois lados. Depois do evento levarteano, decidi tirar um pé de dança na Discoteca Dom Q. bem próximo da Praia Morena, que estava apinhada de exímios bailarinos e bailarinas lindas. A noite mostrava-se mística e sedutora. Durante o dia cuidei de repousar o corpo para retempero das energias e já no final do dia de Domingo, meus pés correram ao Monumental Cine Teatro, um edificio amplo com palco, camarins e plateia para 884 lugares, é um marco da cidade de Benguela que nasce no início dos anos 50. Assisti a peça “A Lei” do Colectivo de Artes Ombaka. Em conversa com Sincero Muntu, actor, percebi que o teatro está em franco desenvolvimento na província e tem visado o resgate de valores, apesar das dificuldades o grupo tem muita vontade.

Segunda-Feira, meio cansado pois durante a calma da madrugada colocava a leitura em dia, viagem mística e adorável em Macondo, com os Buendias em “Cem Anos de Solidão” de Garcia Marquez, rumamos ao Museu Nacional de Arqueologia de Benguela, foi muita aprendizagem. O edificio onde funciona o museu, MNAB, é uma obra do Século XVII/XVIII, onde os escravos eram armazenados temporariamente até serem exportados para América em navios negreiros. O edificio ocupa um perímetro de 8.000 m² e foi construído à base de blocos de pedra calcária, de telha Marselha para a cobertura de tecto, portões e gradeamentos de ferro maciço. Depois do fim do tráfico de escravos, o edificio pertenceu a alfândega de Angola. Em 1976 cria-se o MNAB, para inicialmente conservar os objectos arqueológicos existentes. Pouco depois cria-se uma

equipa para pesquisa arqueológica que sob direcção do seu fundador, o arqueólogo conservador Luís Pais Pinto, iniciou as investigações por todo território nacional. O museu descobriu já cerca de 50 estações arqueológicas para além das 16 já anteriormente conhecidas. Aqui destaco a estação do Dungo (Baía Farta) que é um rio seco onde se encontram carcaças marinhas de vários portes dentre os quais o esqueleto de uma gigantesca baleia com mais de um milhão de anos. O acervo do museu é composto por 9.147 peças inventariadas nomeadamente: seixos, bifaces, picos, raspadores, machadinhos, lascas, laminas, trinchantes, núcleos, levallois, precuatores, mós, ossos fossilizados e não fossilizados, cerâmica, missangas feitas de concha de ostra, moedas de macuta, etc.

A educação e instrução da juventude tem sido o foco central das suas actividades onde se procura transmitir a importância da actividade arqueológica. Apreciei com curiosidade a exposição de escavações onde participaram estudantes da Katyava Bui-la, os vários artefactos líticos expostos são fonte indispensável para a obtenção de informações sobre o passado das civilizações mais longínquas do território que hoje é Angola. Saudamos a escritora Paula Russa, funcionária do Museu que brindou-nos simpaticamente com o seu recente livro, “Poemas de Amor” e animadora conversa sobre a cultura em Benguela e dos seus trabalhos como

arqueóloga. A sala da Biblioteca foi a última que visitamos e pudemos notar vários estudantes desfrutando o jardim e abraçados pela brisa da morena

praia. Seguimos caminho para o edificio ao lado, degradado diga-se, e nos foi informado ser a Escola de Artes. É na verdade um atelier onde vários pintores expõem as suas obras. Jairo, Jair (com quem conversamos), Ducho e Abiás são al-

guns nomes de pintores que vimos assinados nos lindos quadros com temas de inspiração variados, e com estilos bem diferenciados. O atelier fica em frente à Praia Morena, sedutora convidando a um passeio para descontraír, e sentir o embalo da melodia suave do mar. O resto do dia foi reservado para descansar e o encerramos com saboroso jantar no Restaurante Fininho. Ah como foi gostosa a garoupa grelhada com a aprazível companhia do amigo Bruno, que nos deu o devido apoio com as voltas em Benguela, e esposa! O pequeno almoço foi no restaurante Cassanga e depois da digestão aventuramos na EN 100 rumo a banda, Luanda.

Devo dizer que já tenho saudades da “Ombaka dos Matrindindes” como escreve Paula Russa:

...

Sinto saudades
dos matrindindes da Fronteira
dos matrindindes do Cassoco
dos matrindindes do Benfica
dos matrindindes da Camunda...

Até mais um dia mulata linda e aceita os meus versos, “paz e melodia / linda a cidade e a morena envolta no manto do mar/ e a canção das gaivotas sossega o coqueiro em férias/ Benguela mística e artística/ um aceno do flamingo animado no domingo alegre e cultural/ seguro a calma entre dedos/ e rasgo Ombaka com os londindis de paz/ aka tchafina tchalua e a lua é testemunha/ na calçada da morena praia.

Mulemba waxa Ngola, 01 de Agosto de 2012.
04h11’



Intervenientes no mercado lamentam concorrência desleal

Os caminhos por que anda o livro em Angola

ISAQUIEL CORI

O jovem, que aparentava ter 20 anos, a transpirar, apesar do clima frio que por estes dias se faz sentir em Luanda, entrou na Livraria Lello e rapidamente dirigiu-se ao caixa. Perguntou por um livro e, ante a resposta negativa, sem sequer olhar para os lados, saiu com a mesma rapidez com que entrara.

“É quase sempre assim”, disse à reportagem do Jornal Cultura José Magalhães, responsável da Livraria Lello, a mais antiga da cidade de Luanda. “Os estudantes vêm para aqui já direccionados para um determinado livro recomendado pelo professor. Comprando ou não, vão-se embora imediatamente. Não se preocupam sequer em dar uma voltinha pelas estantes”.

Bibliófilo, ou não seria livreiro, José Magalhães tem particular apreço pelos clientes que, cumprindo um velho ritual, param diante das estantes, tocam nos livros, folheiam-nos e percorrem o olhar vagarosamente sobre a capa, a contracapa, a página de rosto, as orelhas e o índice. “Esses geralmente são pessoas adultas, dos 35 anos para cima”, refere.

Mas claro que, exercendo uma actividade comercial, interessa ao livreiro que os livros, mais do que apreciados nas estantes, sejam comprados. Nesse capítulo, segundo José Magalhães, o panorama não é dos melhores. “Há muita concorrência. Surgiram mais livrarias e, o pior, muitos livros são vendidos no mercado informal. A concorrência é tão agressiva e desleal que os ambulantes fazem as vendas mesmo à porta da livraria”.

Além dos manuais escolares os ambulantes vendem sobretudo livros técnicos e científicos, com maior predominância para os da área do Direito. Comparativamente, eles chegam a vender mais barato do que nas livrarias.

José Magalhães não consegue “digerir” tal situação. “Eu pago impostos, salários e outros encargos, logo, essa concorrência para além de desleal é injusta”.

Quem fornece os livros aos vendedores ambulantes? O Jornal Cultura procurou saber directamente dos jovens vendedores mas estes protegem ciosamente as suas fontes. Jacques dos Santos, da Editora Chá de Caxinde, acha que “há muito roubo”.

“Também já fomos vítimas e os nossos livros chegaram a ser vendidos nas ruas. Tem de ser analisado, igualmente, o papel das gráficas. Elas têm as matrizes e ficam com os suportes informáticos durante muito tempo”, sublinhou.

Pudemos apurar que alguns editores e autores/editores canalizam parte das suas edições para o mercado informal. A intenção é, livres da garantia de 30 por cento de margem de lucro para os livreiros, venderem os livros mais barato e rapidamente.

Elisabeth Prata, responsável da Livraria Chá de Caxinde, lança um apelo às autoridades: “tem de haver uma forma de se tirar a venda de livros das ruas”.

José Magalhães partilha da mesma ideia: “em ne-



pontes entre o livro e o leitor e suscitem hábitos de leitura”.

O cenário das vendas

Um dos principais indícios para se averiguar da alta ou não dos hábitos de leitura é a venda dos livros. Nesse aspecto, os sinais que vêm das livrarias não são nada positivos. Tudo leva a crer que o negócio do livro ainda é bastante precário, do ponto de vista da sustentabilidade. O responsável da Lello afirmou à nossa reportagem que “há três anos

que a venda de livros de autores angolanos baixou muito, os de estrangeiros também, apesar de não ser na mesma proporção”.

As causas desse abaixamento seriam, segundo o nosso interlocutor, os preços altos, o fraco poder financeiro dos potenciais leitores e a escassa publicidade feita aos livros e autores.

Na livraria Chá de Caxinde a responsável, Elisabeth Prata, referiu que nos primeiros meses deste ano chegavam a vender 100 livros/dia. “Nos últimos tempos as vendas baixaram para 3 a 4 livros/dia”, disse.

Numa curiosa evolução, o mercado livreiro, para além da proliferação do segmento informal, vai ao encontro dos potenciais clientes fora dos espaços tradicionais das livrarias. Isto porque, aparentemente, o potencial leitor, maioritariamente jovem, seja por razões conjunturais ou falta de hábito, tem dificuldade em ir à livraria. Assim, nos últimos tempos, as feiras do livro, cada vez mais frequentes, e as grandes superfícies comerciais, têm vindo a transformar-se nos locais privilegiados de “escoamento” dos livros.

“A nossa estratégia é valorizar o livro (...) com preços mais baixos, contribuindo desta forma para o aumento do conhecimento da população”, garantiu a este jornal Isabel Capacho, directora de marketing e comunicação da rede de hipermercados Kero.

Na loja da cidade do Kilamba existe um espaço considerável inteiramente dedicado ao livro. “As vendas de livros representam um valor crescente

nhuma parte do mundo o livro é vendido nas ruas como em Luanda. Estamos a vandalizar a literatura. Pedimos ao Governo Provincial que acabe com a venda informal do livro. Às pessoas em geral pedimos que venham às livrarias para tomar contacto directo com o livro”.

Aqui há, entretanto, quem coloque reticências relacionadas com aspectos históricos, sociológicos e culturais. Parece haver uma percepção enraizada de que as livrarias são espaços demasiado fechados, elitistas, para gente de nível cultural muito elevado e/ou abastada.

O secretário-geral da União dos Escritores Angolanos (UEA), Carmo Neto, imputa à comunicação social e também aos editores e livreiros a persistência dessa percepção, que para muitos resulta mesmo em tabu. “A falta de diálogo e de uma apresentação regular por parte da comunicação social tem contribuído bastante para que muitos pensem que a livraria é lugar de rico e de gente fina. É preciso matar este preconceito”.

Carmo Neto defende que a comunicação social tem de fazer com que as apresentações de livros sejam muito mais públicas. “E isto só será possível caso haja uma comunicação social muito mais engajada para com os eventos culturais”.

Às editoras e livreiros o secretário-geral da UEA aconselha que se abram mais aos meios de comunicação social “para que estes sirvam de verdadeiras



Elisabeth Prata



Carmo Neto

dentro do conjunto das vendas do Kero, porque cada vez mais existe um crescimento dos hábitos de leitura”, disse Isabel Capacho, numa revelação surpreendente.

Acrescentou que a instituição comercial inscreveu na sua programação anual a realização de uma feira do livro e sessões de autógrafo como “um meio de aproximação dos autores aos clientes”.

A odisseia das editoras

Do ponto de vista dos editores o mercado livreiro ainda não oferece garantias de plena sustentação. “Tal como para os autores, ainda não há condições, no país, para os editores viverem do negócio do livro”, assegura Arlindo Isabel, da Mayamba Editora. “O mercado é pequeno e a rotação dos stocks é muito baixa. Se colocarmos numa balança os encargos fixos, a saber, as rendas do imóvel, os consumíveis, os salários dos funcionários, e outros, veremos que não há condições para se viver do negócio da edição do livro”, reforça.

O mercado livreiro é pequeno porque está quase inteiramente confinado a Luanda e aos centros urbanos de Benguela, Lubango e Huambo. A expansão das vendas à totalidade das províncias representaria, certamente, um aumento significativo nas vendas.

Jacques dos Santos rebate esse ponto de vista. “É um falso problema. Já fiz a experiência de me introduzir no interior do país mas as vendas foram irrisórias. É um drama que estamos a viver. O angolano lê pouco, não tem apetência pelo livro. Há um núcleo muito pequeno de leitores em Angola”.

Arlindo Isabel explica o baixo nível de literacia no país pelo facto de muitas pessoas não terem no português a sua língua materna. A esta razão de ordem cultural acrescenta as de natureza económica: “a parte da população que está interessada em ler, seja por preocupações académicas ou lúdicas, nomeadamente os adolescentes e jovens, é dependente dos pais. E sabemos como são numerosas as nossas famílias. Um chefe de família, mesmo com um salário razoável, se tiver um agregado de seis a oito pessoas, tem de fazer contas à vida para comprar um livro por mês, incluindo os manuais escolares”.

António Fonseca, director do Instituto Nacional das Indústrias Culturais (INIC), afecto ao Ministério da Cultura, reconhece que “temos um défice de livros e leitores e, de algum modo, também de criadores. A sociedade deve lançar um olhar sobre aquilo que é o livro e a necessidade da leitura”.

Do lado da criação literária, segundo Arlindo Isabel, está tudo bem. “Há muita gente a escrever, de tal modo que as poucas editoras existentes não estão em condições de atender à demanda dos autores”.

A criação literária é tanta que as editoras vêm-se obrigadas a rejeitar muitos originais, dando preferência aos autores que se fazem acompanhar de um patrocínio. “Hoje só muito raramente é que eu produzo um livro sem que esteja pago por uma empresa interessada em ter nele a sua marca ou por um mecenas que o autor consiga atrair. Isso é o que nos dá alguma sustentabilidade”, diz Jacques dos Santos.

Ainda a questão dos leitores

O argumento de que os altos preços são impeditivos de um acesso mais amplo ao livro, segundo Jacques dos Santos, não faz sentido. “Já não colhe a ideia de que os jovens não têm dinheiro para comprar livros. Como não têm dinheiro se são os jovens que esgotam as edições de milhares de discos, sobretudo de kuduro? Se eles têm dinheiro para comprar cerveja e ir a discotecas... Não é por aí, a questão está mesmo na falta de hábitos de leitura”.

O que fazer então para elevar os níveis de literacia e, conseqüentemente, a venda de livros?



Vendedores informais à porta da Lello



Jacques dos Santos



António Fonseca



José Magalhães

António Fonseca lembra, com evidente nostalgia, o tempo em que o cenário era completamente diferente. “Perdemos um público leitor que já tivemos na década de 1980. Chegámos a fazer edições de 10 mil exemplares de livros de poesia que se esgotavam rapidamente. Havia uma prática de compra de livros nas escolas, unidades militares e igrejas. Era uma divisa que se reproduziu e esteve presente durante muito tempo”.

Tudo isso mudou no dealbar dos anos 1990, quando, continuando a citar António Fonseca, “mudou o sistema económico e alteraram-se as condições do mercado. Isso reflectiu-se na ausência de redes de distribuição e, em algum momento, até de livrarias, quando em todo país chegámos a ter apenas uma ou duas livrarias”.

Jacques dos Santos é da mesma opinião e sublinha: “é preciso voltar ao tempo em que as tiragens eram de 10 mil exemplares e os livros ‘voavam’ das livrarias”.

Por que os livros são caros?

Existe o consenso de que os livros, actualmente, são caros, face ao rendimento da generalidade das pessoas. Mas um bom leitor, daqueles que se movem com paciência pelas livrarias, centros comerciais, alfarrabistas e feiras, sabe que há livros para quase todos os bolsos. A Chá de Caxinde edita a coleção Abelha, composta por livrinhos de contos, ao preço, cada um, de 200 kwanzas. Na última edição do Jardim do Livro Infantil o Instituto Nacional das Indústrias Culturais pôs a venda mais de uma dezena de livros da coleção Pió Pió, que reúne contos dos autores mais consagrados da literatura infantil angolana. Cada livro custa 100 kwanzas. No catálogo de edições da União dos Escritores Angolanos é possível encontrar títulos a pouco mais de 500 kwanzas. São livros que podem muito bem ser enquadrados no segmento de publicações para criação do hábito de leitura.

Os preços sobem exponencialmente e de modo insustentável para a maioria dos leitores quando se



Arlindo Isabel

trata de livros técnicos e científicos. António Fonseca, director do INIC, economista de formação, explica a alta dos preços pelos efeitos decorrentes da “ausência de economia de escala”.

“Cada editor edita em pequenas quantidades porque não tem capacidade de distribuição, logo, os custos fixos são suportados por uma quantidade pequena. Os livreiros importam igualmente em pequenas quantidades, apenas para si”, elucida.

Acrescenta que “mais do que os encargos aduaneiros pesam sobremaneira os custos do desembaraço aduaneiro, que são os que se prendem com os despachantes oficiais e despesas colaterais. Isso tem a ver não só com o livro importado mas também com a matéria-prima importada para fabricação do livro”.

António Fonseca reconhece que se trata de uma situação difícil e dá a conhecer que, fruto de muita negociação com as Alfândegas, “a nova pauta aduaneira, em princípio, quase não terá encargos em relação à importação de livros”.

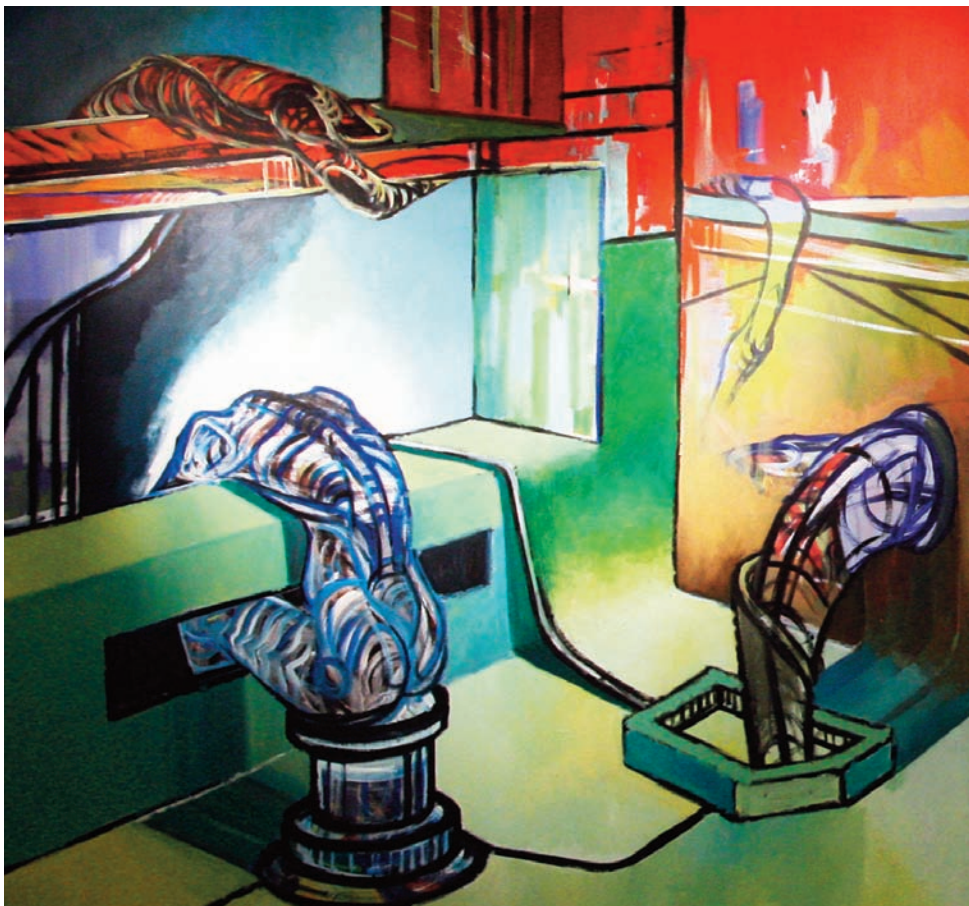
É uma boa notícia. Mas há que ter em conta que em Angola os preços de grande parte dos produtos, incluindo o livro, fogem muitas vezes dos pressupostos da racionalidade económica e ficam à deriva da especulação e da ganância pelo lucro rápido e fácil.

Paulo Kussy: a antropogeométrica (de)composição do espaço

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

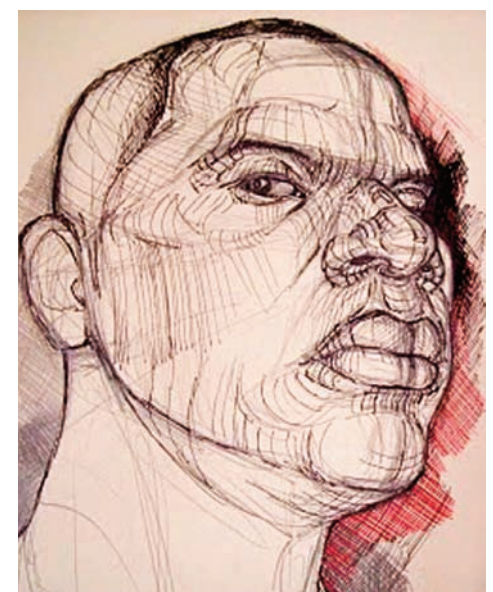
A máquina electromental, fria e milimetricamente abduzida em prol da sua auto-consternação, recompõe-se numa partilha da violência intramuros. E é o raptor visual dessas imagens aparentemente e(x)táticas quem com elas partilha uma reflexão sobre a (não) existência do homem concreto e sobre a ideia de relação universal com as coisas aparentemente inanimadas e com os seres aparentemente iluminados.





“Despir a Pele” projecta para além do acrílico melocromático da tela a (de)composição antropogeométrica do espaço, numa desintegração onírica, ficcional, do real. Também se pode dar corpo à ideia de uma antropognoseologia do espaço.

O ritual pictórico dessa antropognoseometria estigmatiza a solidão perene de metais, numa orgia metálico-plástica do traço e da cor.



A nudez orgânica do sentimento de ser homem perante o olhar epidérmico das coisas é apenas sugerida, porque os traços de ancoragem conquistam no(s) contexto(s) do tempo/espaço/significação simbólica a plena desarrumação da

alma dos seres em estado de submissão controlada na tela.

O sujeito pictórico é afinal ele próprio quem se despe da pele, dos ossos, do espírito criador, quem se reduz alguns membros do corpo, para inaugurar um croquis de intenso domínio onde já

não há separação metafísica entre natureza morta e natureza viva.

Quando se abandona a ilusão de óptica do conjunto fica dentro de alguém (eu?) uma interrogação escatológica: o que é o homem nesta infinita multiplicação do vazio?



NOTAS BIOGRÁFICAS

Paulo Kussy, nasceu a 05 de Fevereiro de 1978, em Luanda. O interesse pelas Artes Plásticas manifestou-se precocemente, sendo os seus primeiros esboços efectuados no decorrer da sua instrução primária.

Incentivado pelos pais e professores, decide explorar a sua vocação artística efectuando ainda em criança viagens a Roma, Veneza, Londres, Madrid, Lisboa e Rio de Janeiro no intuito de conhecer os mais conceituados museus do mundo.

Muda-se para Lisboa aos doze anos, em 1990 com os pais e irmãos.

Ainda em Portugal, desde 1999, colaborou como retratista ao vivo e caricaturista com empresas de produção e animação de Eventos Culturais.

Em 2003 conclui a sua formação em Artes Plásticas, variante de Pintura pela Faculdade de Belas Artes - Universidade Clássica de Lisboa.

Regressa a Angola, cidade de Luanda, em 2006. É funcionário do Ministério da Cultura de Angola desde de 2006, professor na Escola Nacional de Artes Plásticas, DINFA – Direcção Nacional de Formação Artística.

Em 2008 inicia a sua colaboração no Ensino Superior exercendo o cargo de Docente de Desenho Artístico para o Curso de Arquitectura.

Participou nas seguintes exposições:

2012 Exposição Individual "Despir a Pele" - Centro Cultural Português de Luanda - Instituto Camões

2011 Exposição Colectiva "Uma geração, várias Linguagens" - Centro Cultural Português - Instituto Camões

2011 Exposição Colectiva alusiva ao Dia de África (25 de Maio) - Hotel Skyna - Luanda

2011 Exposição Colectiva Coopearte - Galeria Celamar (Ilha de Luanda)

2010 Exposição Colectiva Coopearte - Galeria Celamar (Ilha de Luanda)

2010 Exposição Colectiva "O Quadrado como formato de uma Obra de Arte - Espaço Globo e Espaço Platino, Trienal de Luanda.

2010 Exposição Colectiva, World Expo Shanghai 2010, Pavilhão de Angola, China.

2010 Exposição Individual - ANATOMILIAS - "Entre o Homem e a Máquina" - SIEXPO

2009 Exposição Colectiva Coopearte - Galeria Celamar (Ilha de Luanda)

2006 Exposição "Colectiva de Autores Lusófonos" na Casa da Cultura da Trofa, Trofa, Portugal

2005 Exposição colectiva, "Travel", na Plataforma Revólver, Lisboa, Portugal.

2004 Exposição Individual, na Livraria Mabooki - Livros e Mais Lda, Lisboa, Portugal.

2003 Exposição Colectiva "Fronteiras Contestadas", integrada no III PortÁfricas, Biblioteca Almeida Garrett, Porto, Portugal.

2003 Elaboração de um painel, 600cm x 150cm, no III PortÁfricas, em spray sobre tela, o qual foi depois integrado na exposição "Fronteiras Contestadas".

1994-96 Criação de painéis de grande formato no CAPLA - Clube de Artes Plásticas - Escola Secundária Sebastião e Silva - Oeiras, Lisboa / Portugal.

IV Festival Internacional de Jazz de Luanda

Três noites de euforia musical

ANALTINO SANTOS (RAS KILUNGI)

Luanda acolheu a quarta edição do Luanda Internacional Jazz Festival nos dias 27, 28 e 29 de Julho. Mais uma vez a alternativa recaiu para o Cine Atlântico e o resultado foram as três noites de boa música. Musicalmente falando foram grandes momentos, deixando passar “quase despercebido” o playback dos Boys 2 Men.



1º Dia – da Música (Com)Fusão

O grande Maceo Paker deu o sopro de abertura com o seu saxofone. A brilhante actuação deste veterano da música mundial levou aos presentes a época brilhante do Funk. É impossível não sentir a presença do Grande Mr. James Brown quando este monstro do sax está em palco. Alguns espectadores dizem ter sido o momento mais alto do dia. Maceo Paker demonstrou que o Funk continua vivo.

Aline Frazao jovem angolana residente na Espanha, aproveitou da melhor forma o Festival, brindando os presentes com temas do seu disco de estreia Clave Bantu. Aline acompanhada pela sua guitarra para conseguir a sonoridade do seu disco precisou apenas de um baixista e percussionista. O Palco Welwitsha recebeu não uma planta selvagem mais uma bela flor que deixou o seu perfume. Podemos considera-lá como sendo uma grata surpresa que de certeza ficará na Boca de Angola (título da música mais aclamada).

Etienne Mbappé, um senhor do baixo mundial nascido nos Camarões, personificou a essência do espírito do 1º dia do Festival, a música de fusão. Mesclando ritmos camaroneses como o Makossa, Bolobo, Sekele ao Jazz, Funk, Rock dentre outros sons contemporâneos a sua grande técnica no instrumento que é a extensão do seu corpo. Um show contagiante que mostra a nova África “Moderna mais autêntica”.

Totó pela segunda vez participou neste evento e correspondeu às expectativas.

Carmen Souza, esta cabo-verdiana nascida em Lisboa, depois das duas atuações vibrantes de Mbappé e Totó, suavizou a sala com uma perfeita fusão entre o “Jazz Puro” e os sons de Cabo-verde.

Bob Marley do Século XXI, aliás Asa, fechou a noite. Abriu em grande, não deixou os seus sucessos para o final e assim prendeu os seus admiradores. Esta nigeriana de Paris não desiludiu aqueles que nas redes sociais “forçaram” a sua presença no LIJF. Temas como Binke, Fire On the Mountain, Mr. Jailer por pouco deixavam cair o Atlântico.

2º Dia - Músicas mais Populares

O segundo dia foi dedicado aos artistas e músicas mais populares e foi Ricardo Lemvo quem teve a primazia de subir ao palco, trazendo a sua marca universal que acrescenta aos sons Afro-Caribenhos o soukous, semba e outros ritmos africanos. Os amantes da música latino-americana maravilharam-se ouvindo sucessos como Valeria, Mambo Ya, assim como Tata Massamba

Sara Tavares entrou com uma actuação magnífica onde reinou uma certa cumplicidade entre a cantora e a plateia. Sara foi quase sempre acompanhada pelo público. Mana Sara no lado de lá no fim actualizou o seu sucesso “One Love” com o Va-

mu Lá, um hibridismo musical Funaná, soukous e o kuduro.

Conjunto Angola 70, agrupamento musical do período de ouro da nossa música, marcou o momento alto das actuações angolanas nesta edição. Foi momento de “Semba de Raiz” aliás tendo Joazinho Morgado a garantir o toque dos nossos tambores, Raúl Tulinhas na Dikanza, Teddy Nsingui e Boto Trindade nos solos, Calili no baixo, Chico Montenegro nas congas e os convidados Brando Costa, viola solos, Dinho na percussão adicional e os vocalistas Gregorio Mulato e Quim Manuel vozes consagrados do Semba e o jovem Legalize, exímio interprete dos temas de Urbano de Castro.

Stewart Sukuma representou muito bem os nossos irmãos do Índico com uma perfeita sincronização entre o canto e a dança, conseguiu dar a conhecer aos presentes a Marrabenta e outros ritmos moçambicanos. Com esta apresentação, Sukuma e a sua banda Nkhuvu poderão ter aberto uma nova era para o (re)conhecimento dos verdadeiros ritmos de matriz moçambicana em Angola.

Ivan Lins, outro grande nome, deu um bom show. Este músico, que teve o seu momento alto quando cantou o tema “Começar de Novo” da série televisiva Malú Mulher, com uma banda muito compacta, facilmente passou pela Bossa Nova, MPB e o Jazz Fusion.

Manu Dibangu, o “jovem” saxofonista camaronês, proporcionou o grande momento do dia, com a sua música eletrizante. Manu Dibangu abriu o show homenageando um dos principais nomes da música africana, Fela Kuti, e depois viajou pelos seus grandes sucessos como Douala Serenade, fechando a noite com o seu grande sucesso Soul Makossa. Nota mil à sua Soul Makossa Gang. Manu demonstrou ser sem sombra de dúvidas o expoente máximo da fusão entre o Funk, o Jazz e os diferentes estilos africanos trazendo um som puramente AFRODELICO.

Os Boys 2 Men, tidos como o cartaz do Festival, decepcionaram aqueles que gostam de actuações ao vivo, pois eles trouxeram um formato playback, o que de certa forma desprestigia não apenas o grupo como a organização. Houve espectadores que vibraram aos sons antigos deste grupo.



Presidente da República, José Eduardo dos Santos, assistiu ao grandioso espectáculo

3º Dia – “Jazz Real”

Este foi o Belo dia em que o nosso Jerónimo subiu no palco Palanca para apresentar os monstros do Jazz.

Hubbert Laws foi a escolha perfeita para a transição da tarde para a noite. Hubbert Laws justificou-o porque, da sua carreira bem sucedida de mais de 40 anos, com o seu instrumento de eleição, a flauta, extasiou os presentes. Laws levou os Jazz Lovers aos grandes momentos da Blue Note.

Outro nome sonante do Jazz Mundial subiu e deu continuidade à excelente performance do flautista. Tendo o piano como o seu instrumento, Abdullah Ibrahim ser-

viu-nos o Jazz da cidade de Cabo tal qual o serve nos grandes palcos por onde passa. Abriu com dois solos de piano e posteriormente o seu quarteto foi integrado por um contrabaixo, um saxofone e uma bateria. Uma aula magna de Jazz.

O jovem músico Coreon Du, na sequência das grandes actuações que o antecederam, deu o seu melhor, tocando temas do seu disco de estreia e do projecto Angola Sound Experience onde funde a música popular ao Jazz. O seu momento alto foi quando interpretou um Jazz-Kuduro.

Marcus Miller trouxe os sons mais festivos da noite, marcando a

concretização de um sonho para os amantes do Jazz Fusion. Este baixista e produtor de grandes nomes da indústria musical não deixou os seus créditos por “dedos” alheios. Uma excelente banda de apoio onde os improvisos jazzísticos encantaram todos os presentes. Marcus Miller, com os seus solos no baixo, deu uma lição de Jazz Fusion

Concha Builka, cidadã espanhola, filha de equato-guineenses, é dona de uma voz potente que mistura de um jeito especial o Flamenco ao Soul e ao Jazz, deixando em alguns momentos a sua marca africana. “Mi Ninã Lola” deixou estupefactos os presentes.

Cassandra Wilson, outra grande actuação do Festival, apresentando um Jazz contemporâneo, com a sua voz distinta e flexível, mostrou que o Jazz sempre esteve aberto a outras sonoridades. A surpresa foi o multi-instrumentista angolano Simmons Mansini no baixo da sua banda e o dueto com a cantora Africanita no tema que foi imortalizado pela grande Diva dos Pés Descalços, Cesária Evora. Cassandra Wilson fechou a sua actuação com a bandeira da República.

E assim foram os três dias do Festival, musicalmente escrevendo. Houve ainda a participação dos Djs Djeff e Darcy. Para recordar...



Esculturas do Lobito

Imagens de grata contemplação na “sala de visitas” de Angola



JAIME AZULAY

Lobito, a bela cidade do litoral-centro de Angola é um destino turístico por excelência. Nos últimos tempos, graças a paz conquistada pelos angolanos tem crescido exponencialmente o número de visitantes oriundos de diversos pontos do país e do mundo. A urbe está implantada em redor de uma baía natural com cerca de 2 quilómetros

de extensão e 1400 metros de largura. Aqui se situa um dos principais portos da costa ocidental de África, o conhecido Porto Comercial do Lobito. No interior da baía, as águas são calmas e propícias para a prática de desportos aquáticos. Extensas praias estendem-se de um lado e doutro de uma espectacular restinga de areia com dois quilómetros de extensão, que entra mar adentro em direcção à Norte. Nesta zona privilegiada, foi implantado um aglomerado urbano no qual pontificam exemplares de arquitectura únicos, que atestam não só a presença portuguesa na região mas denotam igualmente a influência de mestres ingleses que no início do século XX participaram na construção do porto e do Caminho de Ferro de Benguela.

Um dos motivos que proporcionou ao Lobito o pomposo título de “sala de visitas de Angola” é um conjunto de estátuas que fazem questão de resistir ao tempo. Sem obedecer a qualquer critério de importância podemos apresentá-las como se segue: “Caminhando”, “Monumento à Aviação”, “O Homem do Lomango”, “O poeta”, “A Sereia dos Trópicos”. São obras de arte que permanecem nos dias de hoje como imagens de grata contemplação e têm a assinatura de um engenheiro português, de nome Canhão Bernardes. Escultor autodidacta (começou a fazer escultura por entretenimento aos 42 anos de idade) viveu no Lobito durante as décadas de 60 e 70. Depois mudou-se para o Brasil. Deixaria as suas obras não apenas no Lobito. As províncias do Kwanza-Sul e do Bié testemunham também o seu extraordinário talento. Ao todo, tinha 14 esculturas em locais públicos até ao ano de 1972. Para Bernardes, a escultura deveria significar algo mais para as pessoas, cujos itinerários se vão cruzando ao longo do dia. “Um meio de aliviar, através da beleza, os percursos rotineiros entre a casa e o trabalho”.

“A escultura deve servir como veículo de encanto e de Humanidade e criar um anseio de beleza, ajudando a evolução das pessoas, à caminho de uma harmonia social”, disse certa uma vez o autor quando apresentou o projecto de uma escultura que viria a ser conhecida como “Monumento à Humanidade” na capital da província do Bie, a cidade do Kuito. Bernardes deixou fixada a marca indelével de seu cinzel virtuoso no rosto de várias cidades angolanas.

O “Monumento à Aviação” celebra a audácia e o espírito de conquista do Homem face ao desconhecido. Por seu turno, “Caminhando”, que se situa numa das suaves encostas da Colina da Saudade, com vista privilegiada para a baía, convida à exaltação de valores simples da vida, que no fundo são tão importantes como as mais complexas interrogações existenciais.

Na época, “Monumento à Aviação” foi considerada obra notável de engenharia, inteiramente executada no Lobito e exclusivamente com recursos técnicos locais. Os trabalhos de fundição foram realizados nas oficinas do Caminho-de-ferro de Benguela comandados pelo engenheiro Alberto Soares Ribeiro. Foi necessária muita ousadia, até se conseguir suspender, no pedestal, apenas por uma das coxas, um cavalo com 6,30 metros de comprimento do focinho até à cauda e pesando quase duas toneladas. Tal só foi possível por meio de uma barra de aço embutida na estrutura em bronze. O autor queria ir além de Milles na escultura “Pégaso”, na qual o cavalo rompante é sustentado por um matacão de bronze colocado no centro.

O artista recorreu ao cavalo como símbolo de transporte. E fê-lo, não como em “Centaurus” ou “Pégaso”, nem tampouco em formato de flecha ou tapete voador como nos contos infantis das mil e uma noites. Mas sim como um foguetão, pesado e metálico: “A montada teria de vencer a gravidade e mover-se para o infinito, arrastando no dorso o Homem, que o comanda”. Num galope desenfreado, o animal é domado pelo destemido ca-



valeiro com uma só mão pousada no seu dorso e se dirige para o desconhecido. Cavalo e cavaleiro vão voando do Lobito para o mar roçando a crista de uma vaga. Uma placa brilhante regista para a posteridade: “Aos homens que, depois do mar domado, querem o infinito”.

“Caminhando”, por seu lado, embora pouco se tenha a realçar no que se refere à técnica empregue, mostra-nos um conjunto familiar, duas mulheres na sua lide diária, com balaies à cabeça, levando pela mão um “garetelho a saltitar”. Uma das mulheres apresenta o ventre proeminente, na certeza de que, com a maternidade, contribuirá para a continuação da espécie humana. Observado à distância, o grupo, em silhueta, destaca a harmonia da família, a vida vivida na simplicidade e na dignidade.

A escultura tem 2,40 m de altura e foi executada em cimento de produção local, tendo custado 15 contos. Foi mandada executar pelo capitão Alves Aldeia, na época presidente da Câmara Municipal do Lobito, que vira uns dias antes a maquete do projecto. Despertaram-lhe atenção aqueles rostos, sem olhos, sem nariz e sem orelhas, pessoas anónimas que povoam um mundo sem desigualdades sociais.

“Caminhando” remete-nos a um súbito refrear no egoísmo, uma quebra na pretensa superioridade de uns homens sobre outros homens. Contemplando a silhueta projectada contra o sol poente, invade-nos um irreprimível desejo de compreender os outros como eles verdadeiramente são, de sentir a sua mão solidária afagando a nossa e nos sentirmos felizes por não mais nos sentirmos sós. Era esse, afinal, o desejo do escultor.

“Angola, mares & lagoas”

Um excelente trabalho de Carlos Lopes



FELIPE ZAU

Após “Filipa de Angola” e “Angola, Noites e Luas”, Carlos Lopes, um músico eclético, nascido na província de Benguela, reaparece com mais um bonito trabalho discográfico, intitulado: “Angola, Mares e Lagoas”. Um som nostálgico, influenciado pela corrente fria que passa ao largo das águas mornas das bonitas praias da sua cidade e que o leva a querer morrer a amar o mar, mesmo quando está próximo da lagoa, que fica logo abaixo do Turitanga, um aprazível espaço de lazer, onde, lá do alto do morro, se vê paisagem a perder de vista, pássaros de alto porte quase parados no ar e o rio Dande a serpentear por entre os palmares. Só seguindo-lhe o curso até ao fim, somos capazes de sentir o cheiro da maresia e o gosto de sal na boca, quando as barrentas águas passam a ponte e se entregam de forma voluptuosa às águas do Atlântico.

Com voz grave, bem entoada e relevante sentido lírico nos versos que compõem as suas canções, caracterizadas pela exaltação de coisas muito simples, muito ecológicas, às quais se associa um bonito poema de Aires de Almeida Santos (aquele que fala de um coqueiro que não gostava de ouvir casos de mágoa e de dor). Carlos Lopes, através de sequências harmónicas bem construídas, inventa melodias muito agradáveis de se ouvir. Temas que revelam a sua capacidade de observação fotográfica para coisas aparentemente simples do nosso quotidiano, mas muito ricas de significância:

- A força da bela “Malia” e da “Malia Malia”, que cantam enquanto carregam lenha à cabeça com o filho às costas;

- Os aromas de peixe e de sal, associados a expectativa de uma mãe, que, com o seu filho, se mostram expectantes pela chegada do pescado que se aproxima da praia dentro de uma canoa, porque, às vezes, a sereia se zanga e nada chega para comer;

- A satisfação de haver bom pasto para os bois, “Onongombe”, uma canção interpretada em Nanheca Humbe, composta e acompanhada à guitarra pelo seu filho Danilo Lopes.

Pela quantidade e qualidade de trabalhos já realizados, no que se refere ao equilíbrio entre o ritmo e a harmonização, entre o ritmo e linha melódica, entre o ritmo e os arranjos instrumentais e vocais, entre o ritmo e a



qualidade do texto (quando escrito em língua portuguesa), entre o ritmo e a forma de interpretar... para já não falar da qualidade dos músicos, da mistura e da masterização... Este CD de Carlos Lopes é um dos bons exemplos de maturidade musical.

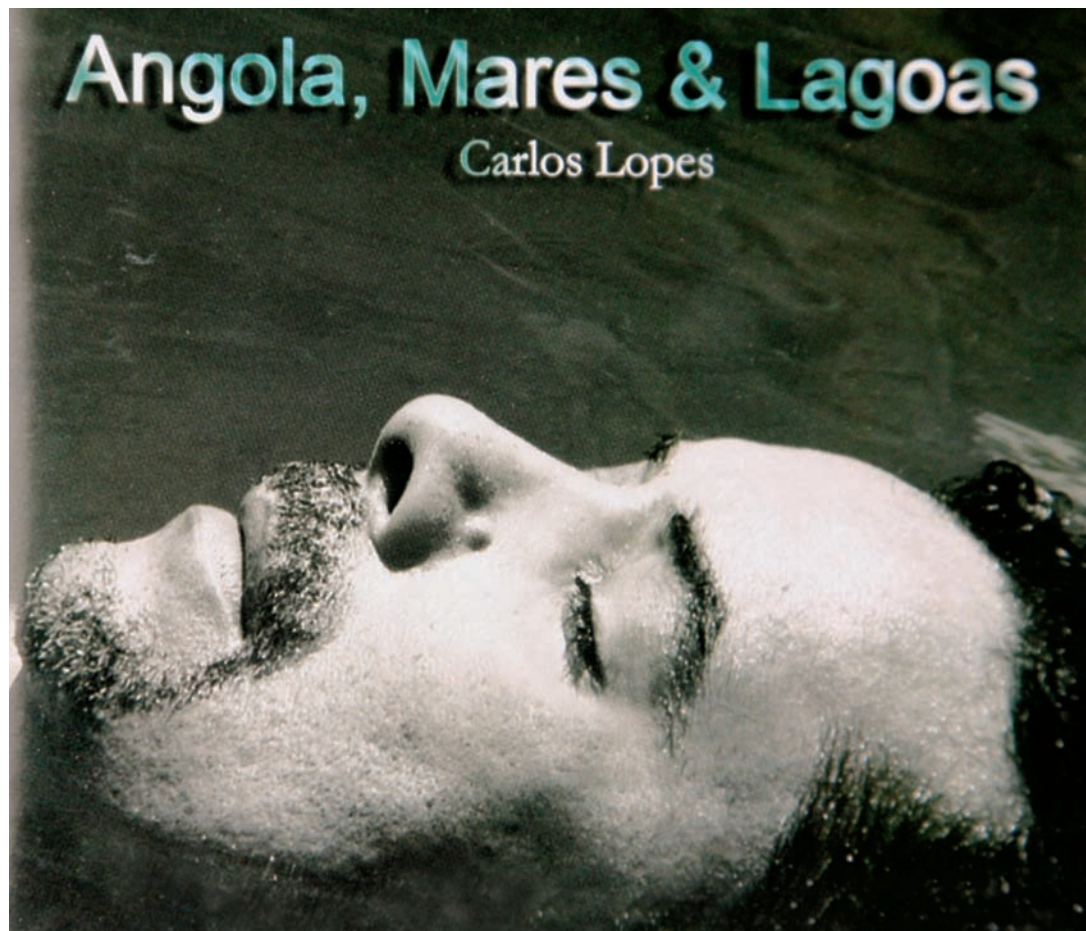
cam nada a dever às anteriores. As duas versões, de Malia, por Mário Garnacho e “Malia e Malia”, por Armando Gobiss (esta, por sinal, mais instrumentalizada pela introdução de sopros), estão, independentemente deste facto, ambas muito bem produzidas. Diria que temos

mais um bom pianista e mais um produtor de eleição no mercado.

Mário Garnacho (piano e produção musical), Ruca Rebordão (percussão), Hélio Cruz (bateria), Miguel Gonçalves (trompete) e Vânia (a moçambicana do trio “As Delírio”), são os bons músicos que se mantiveram para este novo trabalho, que, tanto quanto parece, Carlos Lopes não abre mão. Porém, não posso deixar de destacar neste trabalho a presença de, entre outros bons e experientes músicos, os da Banda Maravilha, de Zézé Ngambi (bateria), de Nana Sousa Dias e Otis (Saxofones), de Dalú Rogée (percussão), de

Marabu (baixo), de Tomás Pimentel (trompete), de Ciro Bertini (acordéon), de Múcio Sá e Betinho Feijó (guitarra eléctrica).

“Angola, Mares & Lagoas” é, antes de mais, uma legítima inquietação de Carlos Lopes, produto da sua saudade por um mar cujas marés, por vezes, não chegam a encher a lagoa.



Se as produções a cargo de Mário Garnacho e da Banda Maravilha são, em nível de qualidade, comparáveis às anteriormente experimentadas, quer ainda em relação a Mário Garnacho, quer em relação a Jorge Cervantes e Zé Afonso, as agora realizadas por Armando Gobiss, não fi-

AFRICA FASHION WEEK

Nova Iorque 2012



Lauren Ekué, em Paris

Fotos: AVALONI Studios

De 12 a 14 de Julho de 2012, a cidade de Nova Iorque acolheu 21 estilistas do continente africano e da diáspora. Nadir Tati, célebre criadora angolana fechou com chave de ouro a semana da moda ao apresentar toda a sua nova colecção. Mas a moda angolana também se fez presente com Geraldo Fashions e Alex Kangala.

A moda africana mostra as suas linhas. A África *'à la mode'* ergue a sua voz. O *african new-look* triunfa. À semelhança deste festival produzido por Adirée, os Africa Fashion Week vêm à luz do dia em todo o mundo.

O espetáculo vale a pena. A sala está a abarrotar de afro-fashionistas*, esses jovens vestidos à vanguarda da moda sem deixar no vestiário a sua herança africana. Eles combinam com astúcia as grandes tendências da moda ocidental com detalhes e acessórios africanos. Para alguns deles, uma certa superioridade identitária tem que se exprimir e coordenar através das roupas, ao se vestirem. Clientes, jornalistas, celebridades, bloggers e amantes da moda entram na sala, tanto para se-

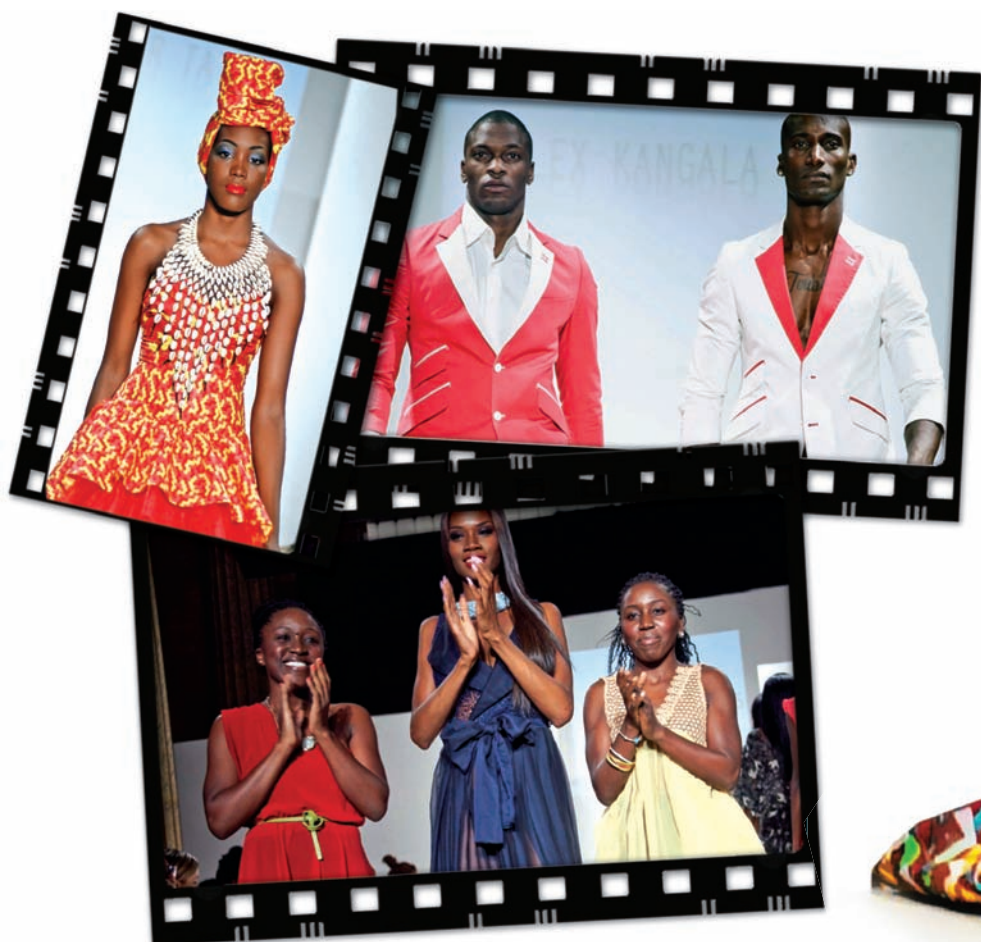
rem vistos como para verem. Ao lado do cenário, os talentosos e ambiciosos estilistas competem em imaginação para demonstrar o amplo potencial criativo e comercial da moda africana cuja vitalidade vem alcançando alturas inusitadas.

Naquele dia, bem no coração do Financial District, pulmão económico da cidade-mundo, as fundações bicéfalas de um "sistema da moda" internacional e intra-africano continua sendo montado de baixo dos nossos olhos. O negócio da moda africana apenas está nos seus balbúcios. Wall Street – à distância de um quarteirão – observa de perto.

Entre os estilistas convidados, nota-se a presença luminosa dos estilistas angolanos. A marca **Geraldo Fashions** foi criada por três irmãs, Beatriz, Laureta e Delfina Geraldo. A sua arte é acessível à grande maioria.

Quanto a Alex Kangala, este criador está destinado a um brilhante futuro, pois as suas propostas masculinas são promissoras. O seu estilo é, por sua vez, elegante, flamejante, e impresso de

modernidade num sector onde a inovação é mais difícil, e reina um certo conservadorismo. A marca **Dianthus D'kangala** realça a beleza dos homens e numerosas estrelas angolanas já se deixaram conquistar pelas roupas deste ex-modelo.



* termo empregue e definido aquando da conferência realizada no Fashion Institute of Technology, a 11 de Julho de 2012.



Por fim, **Nadir Tati**, que também exerceu a profissão de modelo antes de se tornar uma estilista realizada em Angola. Ela busca a sua inspiração na história e na cultura do seu povo. E tem atravessado os oceanos para apresentar as suas colecções. As passerelles de Portugal, Espanha, México, África do Sul, Estados Unidos e da Coreia do Sul não têm mais segredos para ela. Ela rejubila de ver a África tão à moda: *"é sempre muito gratificante ver o entusiasmo das pessoas e esse interesse crescente por Angola, o que estamos a ver acontecer agora é mui-*

to positivo", afirma. Angola deseja tornar-se um actor credível no mundo da moda internacional e espera desenvolver uma indústria real da moda dentro de alguns anos.

De um modo geral, a origem dos criadores compõe com bastante fidelidade a grande partilha regional do mapa de África e os países que podem contar com um crescimento económico para desenvolver um florescente indústria têxtil nos anos do porvir. É assim que é possível encontrar, sem surpresa alguma, estilistas originários do Gana,

da Nigéria, do Egipto, da Etiópia, para não nos alongarmos demasiado. As Caraíbas tiveram dignos representantes com as participações de Francis Hendy (Trinidad e Tobago) e Sheaffa Delince (Haiti), sem esquecer os Estados Unidos.

A grande variedade das tradições têxteis e a riqueza estética tradicional dos povos africanos bem como o génio das populações urbanas africanas e da diáspora poderiam transformar a África em primeiro laboratório do mundo de próximos encontros e proezas estilísticas.

“
é sempre muito gratificante ver o entusiasmo das pessoas e esse interesse crescente por Angola, o que estamos a ver acontecer agora é muito positivo”



Beleza grega vs Beleza muntu-angolana

Patrício Batsíkama



Beleza Homérica e platónica

O meio onde desenvolveu-se a civilização grega influenciou consideravelmente a noção da beleza: o mar terá servido, num ângulo funcional, de protótipo. O destino não conhecido do mar (seu movimento), de modo igual é tido com o objectivo da arte (a ponto de 'indefinir' a arte). Contudo, um provérbio lembra-nos isso: "todos os homens são atraídos pelo mar".

Tendo em conta que, assim reza a mitologia grega, do mar saíram todas deusas (bonitas), filhas de Zeus (Musas), a noção da beleza foi, em Homero, assimilada a mulher. Um país é belo para Homero porque encontram-se muitas mulheres: a mulher tem cabelo ondulado, como as ondas do mar. As partes externas onduladas (beleza extrínseca) da mulher (seios) passaram a ser os principais "pontos" de atracção, uma vez que a beleza "atrai". Mais tarde, os Homens poderiam ser belos: Aquiles tinha beleza porque foi valente, vigoroso, inúmeras vezes vitorioso e cheio de bondade. As vitórias das corridas e outras provas das olimpíadas tornam a vitória uma Beleza. Platão, que é pioneiro dessa versão, fala da beleza como artista (Bayer, 1995:27-28).

Já em Platão, a Beleza se "define" por três em princípio (Bayer, 1995:41):

a) "A Beleza dos corpos... A Beleza do corpo pertence a beleza inferior. Platão coloca-a entre as qualidades inferiores: a saúde, a força, a riqueza. Aqui Platão mantém-se no domínio sensível (Platon, 1947:345-356; Aristóteles:1967). Há apenas alusão rápida a beleza dos costumes e das leis, mas somente a florada;

b) "A Beleza das almas, que encontramos sobretudo no Fedro. E a virtude, e a beleza verdadeira só aqui se manifesta;

c) "Para os sábios, há beleza em si".

Beleza muntu-angolana

O espaço ocupado pelos muntu-angolanos não responde alguma unicidade geográfica: há os que vivem ladeados pelo mar, outros nas savanas densas; há também aqueles que são "engolidos" nas florestas densas ou avizinham florestas virgens, para além dos habitantes de desertos e semi-desertos. Teremos como suporte da beleza a "mitologia muntu-angolana" sobre a "criação do mundo", salientando que existe diversas versões a volta disso que variam de acordo



com a geografia física das populações.

Nzâmbi chamado Ndala Karitanga (Deus se criou a si próprio), entre os Còkwe, vomitou durante alguns dias, o que deu a criação do mundo: estrelas, sol, terra e a sua plantação, mar, animais, etc. Ele viu que o mundo que criou ainda faltava alguma coisa, e começou por fabricar a sua mulher: essa chamou-se Na Kalûnga por causa da primogénita (Kalûnga) e Deus passou a ser Sâ Kalûnga. Numa viagem Pai-filha (viagem contestada pela mãe), a filha volta grávida, e Na Kalûnga suicida-se. Kalûnga deu luz a um filho que chegou a casar-se com ela. Desta união saíram um "filho" e "uma filha" que se multiplicaram até formar uma grande sociedade. De modo igual, antes de se "separar" com a "sociedade primitiva humana" Ndala Karitanga ensinou usos e costumes sobre o casamento (entre os primos), arte de caçar, de esculpir, etc. As análises estruturalistas deram impressionantes resultados, que não interessam voltar debruçar. Apenas recorreremos em alguns extractos para subsidiar a noção de beleza.

Nzâmbi deriva de zâmba, samba, yâmba que em línguas muntu-angolanas significa: dizer, esculpir com argila, executar, fazer, modelar argila... Isto é Nzâmbi/Nyâmbi/Nsâmbi terá criado o mundo pela "palavra" (vomitar/dizer) e o homem pela "execução" (modelar argila/esculpir com argila). Na versão Kôngo, os primeiros vômitos de Nzâmbi deram luz aos espíritos, e os últimos na composição da terra (fauna, flora, águas, etc.). Somente depois dos vômitos e sobretudo, depois de completar a sua semân-



tica na altura que Ele "modela argila" que é o Homem. Depois de estimar bastante o mundo, refugiou-se kuna Zûlu (no céu). A partir desse momento começou a existir Deus Celestial (Nzâmbi'a Mpûngu) e Deus Terrestre (Kalûnga). Em princípio, a viagem cósmica Terra-Ceú (Kalûnga) explicita a imensidão, infinidade e grandeza de Kalûnga, isto é Deus-mar, Deus-infinito, Deus-morte, Deus-subterrâneo.

Com esse mito ou lenda da criação, e dada a forma que os Muntu-angolanos gerem a sua convivência, podemos estabelecer uma permissível estratificação da Beleza:

a) Beleza kalungueria que procria o resto. As reacções normais ou patológicas de Nzâmbi (vômitos, por exemplo) estão na base da criação dos espíritos chamados simbi.

b) Beleza simbial como condição essencial da harmonia social. Os homens são coagidos a respeitar as normas estabelecidas (usos e costumes que estabeleceu Karitanga antes de "separar-se" com os homens) e sancionadas pelos simbi (espíritos). Chamamos essa beleza simbial porque os simbi sendo espíritos, estão intimamente ligados aos homens (bântu) e, a noção da beleza aqui é expressão em motivos "religiosos", "mágico-religiosos", etc. Os Simbi aqui significa as "instituições" que sustentam a harmonia social e faz, embora etimologicamente signifique espíritos, parte da beleza infra-objectiva. A Beleza simbial interpreta-se as vezes como uma Beleza social (harmonia social) que inclui a harmonia entre o mundo humano, o mundo dos antepassados, o mundo vegetal, o

mundo animal e o mundo féérico sensível.

c) Beleza muntual como base existencial e infra-subjectiva para harmonia individual: têm a ver com tudo que o homem faz, diz, interpreta e, acima de tudo, acredita. Chamamos isso muntual porque parte do condicionalismo existencial do ser humano enquanto "material".

Partindo do pressuposto que Deus seja o primeiro artista, e os seus atributos que fazem com que haja hagiônimos relacionados a Deus (Batsíkama, 2010:97-100), aqui enumeramos oito particularidades da arte na concepção muntu-angolana:

1) Mvile: grandeza. O adjectivo: mvilético, relacionada com a grandeza muntu-angolana.

2) Suku: Sublime. Utilizaremos sukuário para tido que estiver relacionado com sublime muntu-angolano.

3) Kûmbi: Sol, Calor. Kûmbiano será adjectivo. Relaciona-se com Apolo, tal como a tradição ocidental nos apresenta.

4) Mpângale: Origem ligado com o sol. Mpângaleiro será o adjectivo ligado com a força da invenção/criação contínua e específica a productividade densa.

5) Tuku: origem, causa. Tukuário será relacionado com algo original, em termo material e, relativamente, em termo de conteúdo.

6) Ngômbe: segredo, fonte. Ngômbiano relacionar-se-á com conhecimentos de ofício de um artista e a sua mestria.

A baixa estirpe de um cartoonista italiano



Filipe Zau



Pena é que, em pleno século XXI, mesmo nas coisas mais simples e aparentemente inofensivas (como é o caso do futebol), as questões de melanina continuam a entupir as mentes de cidadãos do chamado primeiro mundo, que, de forma mais ou menos envergonhada mas não menos explícita, manifestam um arreigado preconceito de cor, que lhes está entranhado no tutano da estrutura craniana e do qual não se conseguem libertar. Esta minha conclusão, fruto da minha indignação, vem a propósito de o maior jornal desportivo italiano, “La Gazzetta Dello Sport”, ter publicado um desenho que representa o jogador italiano Mário Balotelli no alto do Big Ben, de forma análoga ao filme King Kong, quando o gorila subiu para o Empire State Building de Nova Iorque. Esta foi a recompensa que aquele jornal, de italiano para italiano, ofereceu a Mário Balotelli, após o mesmo ter ajudado a Itália a eliminar a Inglaterra nos quartos de finais do Euro ao marcar dois golos naquele desafio.

A gracejola, de péssimo gosto, que infere a animalização do jovem jogador negro italiano, não é ingénua, nem inócua e muito menos artística ou inovadora. Caso contrário não provocaria os protestos de leitores e organizações anti-racistas. Já, anteriormente, no segundo jogo da selecção italiana no Euro’2012, adeptos croatas haviam atirado bananas para o relvado, na di-

recção de Mário Balotelli e, sempre que o mesmo tinha a posse da bola, imitavam sons de macacos, ignorando que, no fundo, estavam a projectar a sua própria imagem de animalização e ignorância. Daí que as desculpas apresentadas pela “La Gazzetta Dello Sport” sejam totalmente desprovidas

do mínimo de senso e honestidade. Tudo se agrava, quando referem que “o jornal sempre lutou contra qualquer forma de racismo em qualquer estádio e viu as ofensas direccionadas a Balotelli como uma forma inaceitável de incivilidade”.

Pergunta-se: “Então foi por isso que

o “La Gazzetta Dello Sport” publicou aquele patético cartoon de péssimo gosto? Isto faz-me lembrar a estória de alguém que afirmava nunca ter sido racista e que tanto apertava a mão a um branco como o pescoço a um “filho da mãe” de um negro (para não dizer, aqui, algo mais despidorado, que, de facto, aquele indivíduo chegou a afirmar).

É claro que, como o mesmo afirma, o “jornal é para quem o lê”. Contudo, por maior liberdade que haja por parte de quem escreve ou desenha porque através do desenho também se comunica não há (nem pode haver) a libertinagem de, deliberada e gratuitamente, ofender quem quer que seja. Muito menos recorrendo a estereótipos de cunho marcadamente racial, próximas das teses discriminatórias de meados do século XIX, que, antes, serviam para justificar o hediondo tráfico negreiro e, hoje em total oposição aos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos de que a civilização ocidental tanto se orgulha de ter incentivado e tanto apregoa, à boca cheia, de ser defensora servem, apenas, para denegrir e conflitar.

Já Chomsky, em “Armas silenciosas para guerras tranquilas” refere que na actual conjuntura globalitária, em que tudo, mesmo com perda de valores, se justifica pela competitividade do mercado, a maioria da publicidade dirigida ao grande público utiliza discursos, argumentos, personagens e entonação particularmente infantis, muitas vezes próximos à debilidade, como se o espectador ou leitor fossem meninos de baixa idade ou deficientes mentais. Por quê? “Se você se dirige a uma pessoa como se ela tivesse 12 anos de idade (ou menos), então, face à sugestibilidade, ela tenderá, com certa probabilidade, para uma resposta ou reacção também desprovida de sentido crítico como a de uma pessoa de 12 anos ou menos de idade”.

Atitudes destas, não são (nem nunca foram) inocentes, mesmo quando o objectivo é distrair as pessoas dos seus verdadeiros problemas sociais, que, nos dias de hoje, afectam (e de que maneira) as diferentes sociedades europeias. Depois, se calhar, são os mesmos (ou outros que tais) que nos vêm bater à porta a propor relações de amizade e respeito mútuo para uma cooperação mutuamente vantajosa, justificando, às vezes, como razão para o estabelecimento dessas mesmas relações, a incorporação de atletas negros, outrora africanos, nas suas selecções nacionais.

CINEMA
NOTELHADO
07 AGOSTO
2012

TERÇA 07. AGOSTO 2012

19.00 HORAS, ENTRADA LIVRE

LATITUDE

PRESTIGE

Tunísia, curta-metragem, 2009

Salwa, uma tunisina árabe, deseja acima de tudo casar com um negro do Burkina Faso. De forma a fazer a sua rigorosa família feliz, ela decide inventar uma história.

A CÂMERA

Nigéria, curta-metragem, 2010

Neste filme é uma máquina fotográfica que tem o papel principal, ao passar, inadvertidamente, de uma pessoa para outra.



em cooperação com
Universidade Lusíada e CEFOJOR

Info T 222 445 910, M 937 548 376, info@luanda.goethe.org
Terraço da Universidade Lusíada Rua do 1º Congresso do MPLA

Cem anos de Jorge Amado

A poesia da Bahia: lirismo escapulido entre o cidadão e o escritor



Matadi Makola

MATILDE:

Jogávamos jogos de prenda.
Andávamos de carro-boi.
Morávamos em casa mal-assombrada
Conversávamos com moços e mágicos.
Achavas a Bahia imensa e misteriosa.
A poesia deste livro vem de ti.

(Dedicatória de Jorge Amado in 'Capitães da Areia')

O relativismo dos dias é, na vibrante visão existencial do seu efeito, porta que nos traz à vida e que nos devolve à condição do antes dela. Submersos nesta teia de ideias, a refutação de dias como mera passagem de tempo é obrigatória e a noção deste é preenchida como moradia de morte e de vida. No túnel dos dias mora o arco-íris da passagem estreita, onde a circulação é constante e natural. Tal como muitos tomam o caminho da partida, já cientes do que ela é, outros começam a sua jornada inocentes e com muito para apreender dela.

Neste única oportunidade palpável até agora, tudo à volta leva-nos à procura de caminhos que nos tornem parte viva entre os nossos e assim nos devolvam à vida substancial por matérias e armações de ideias que selam o génio que fomos como vivente.

O escritor aqui em causa é, pelo seu génio, um exemplo vivo da nossa férrea luta contra o rumor do vazio, da nossa sede de evasão e procura de formas escapatórias da circunscrição do impalpável, da nossa fome de sermos matéria indiferente às estações do tempo e/ou parte dela, da insubmissão ao nosso jeito e possibilidades contra a morte absoluta.

Foi num dia de cacimbo como este, 6 de Agosto de 2001, em Salvador, Brasil, que a nada preconceituosa e desafectada congénita promessa de morte física poisou subtilmente a sua mão adréstea sobre o templo que em vida ficou mundialmente conhecido por Jorge Amado e, decididamente, tomou como suas as réstias do homem de que tanto é viciada e que, decerto, lambuza-se a garfo, faca e palito, como só ela pode, com as areias do barro com que foi feito o homem.

Para nós, os famintos de ideais, fica o legado do melhor dele: a essência, a cólera da luta interior, a sua ideia de si e de nós no seu tempo.

Jorge Leal Amado de Faria, vogal sonante do corpus contemporâneo da literatura brasileira, patrono número 23 da Academia Brasileira de Letras, Prémio Camões de 1994, sobejamente adaptado pela produção novelesca, cinemática e teatral do seu país, nasceu Itabuna, parte sul da Bahia, em 10 de Agosto de 1912. Escritor altamente produtivo, legou-nos O País do Carnaval (1930), Cacau (1933), Suor (1934), Jubiabá (1935), Mar Morto (1936), Capitães da Areia (1937), A Estrada do Mar (1938), ABC de Castro Alves (1941), O Cavaleiro da Esperança (1942), Terras do sem-fim (1943), São Jorge dos Ilhéus (1944), Bahia de Todos os Santos (1945), Seara Vermelha (1946), O Amor do Soldado (1947), O Mundo da Paz (1951), Os Subterrâneos da Liberdade (1954), Gabriela, Cravo e Canela (1958), A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água (1961), Os Velhos Marinheiros ou o Capitão de Longo Curso (1961), Os Pastores da Noite (1964), O Compadre de Ogum (1964), Dona Flor e Seus Dois Maridos (1966), Tenda dos Milagres (1969), Teresa Batista



Cansada de Guerra (1972), O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá (1976), Tieta do Agreste (1977), Farda, fardão, camisola de dormir (1979), Do Recente Milagre dos Pássaros, O Menino Grapiúna (1982) A Bola e o Goleiro (1984), Tocaia Grande (1984), O Sumiço da Santa (1988), Navegações de Sabotagem (1992), A Descoberta da América pelos Turcos (1994).

Antagonicamente tido como auge e decadência da eurística amadiana, o utilitarismo impregnado por Jorge Amado às suas obras faz o espaço maior de concentração da função estética da obra do autor brasileiro.

A sombra das escolhas amadianas foi, e com razão, sempre posta à luz de factores extrínsecos à literatura. Com Jorge Amado, a ambivalência entre razão e coração ou dionisíaco e apolíneo é uma pre-

missa centrífuga que ganha homogeneidade no seu sobreposto utilitarismo.

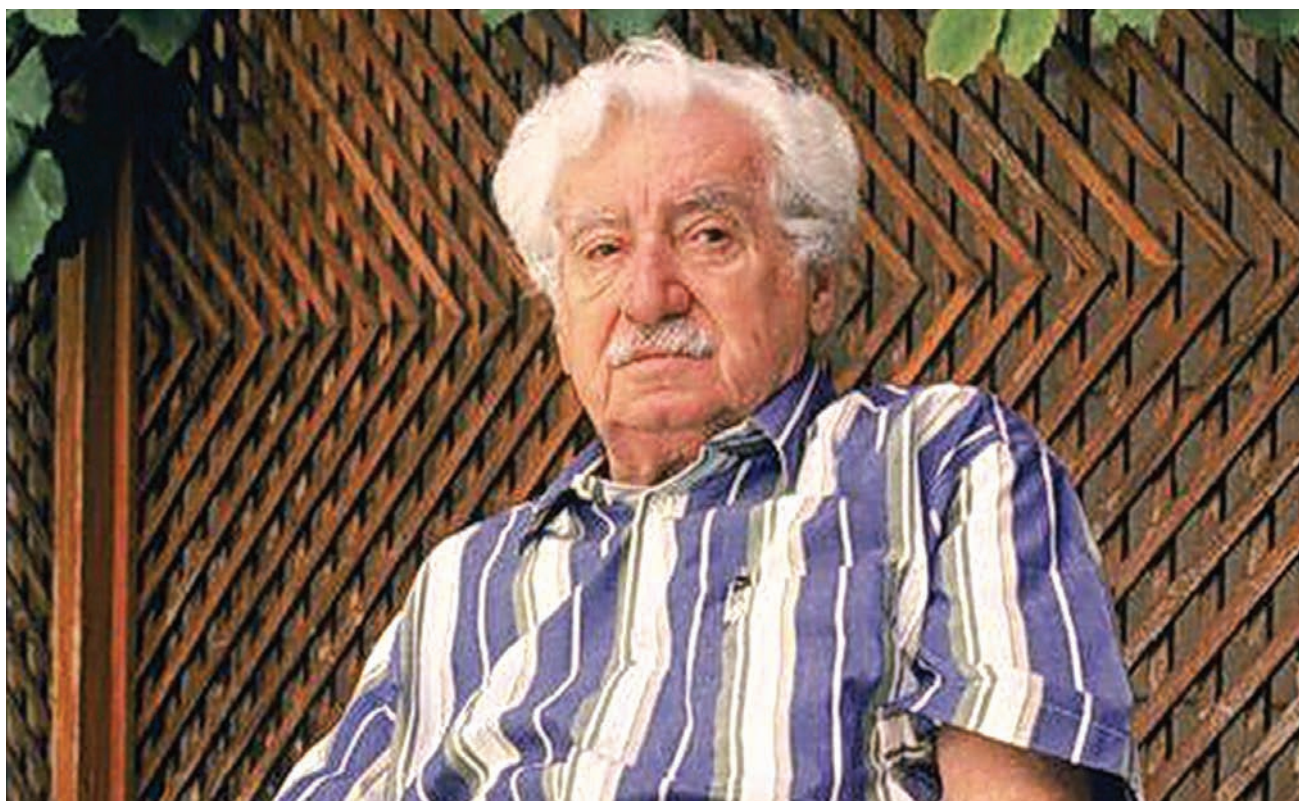
Entretanto, esta posição globalmente preceituada como a que mais identifica o escritor é trazida numa arquitectura do romance exacerbado de lirismo, o que pode ser entendido como uma impossível fuga aos deleites da arte pela arte (criando possibilidades para uma visão menos reducionista da obra amadiana) que deu lugar a um desproporcional sincrismo muito bem interpretado pela pretensa crítica literária ao colocar na linha da frente da obra do autor o peso da necessidade de valor externo.

Pelo artificio engajado, a classificação de difícil digestão de que Jorge Amado é um autor cuja obra foi vítima dos ideais do cidadão não se afigura perdulária nem tão pouco a desconfiança de que as fissuras da obra amadiana provêm da sua contextualmente perceptível fixação pelo utilitarismo pode ser entendida como um desvio de esclarecimento injusto.

O entendimento externo da fase de criação ou meandros indefiníveis da mesma que levaram o escritor a cessar a convicção e que permitiu a análise binária da obra amadiana pode, determinantemente, denunciar no homem em sociedade não apenas o conflito interior entre o cidadão e o escritor, mas também assentar como exemplo ontológico de uma necessidade posterior muito mais artística.

Apesar das limitações do realismo socialista e da afirmação de que Jorge Amado é mais literariamente rico na sua segunda fase, da sentimentalidade prosaica como trazia a Bahia já anunciava na sua obra, embora tenuemente, um lirismo que se escapava dos limites impostos à sua criação.

Com os personagens alicerçados na dinâmica do realismo socialista, a obra amadiana não deixou de ser, apesar de colorida, uma mensagem de humanismo, uma ferramenta contra o juízo da pele, uma aceitação e aproveitamento do pluralismo cultural brasileiro e, sobretudo a partir do círculo bahiano, um quadro franco das patologias da paisagem brasileira com a presença imperativa do seu mar.



Rota pernambucana da escravatura

A Kianda foi levada para o Brasil

“Made in Africa” é, metaforicamente, um dos episódios antropológicos que se pode reter da leitura do excelente livro, cujo título, infelizmente, embora eivado de marketing contemporâneo, não restitui a profundidade da substância abordada, a ininterrupta transferência dos fins do século XVI até à segunda metade do século XIX, do património ontológico angolano ao vasto território da América do sul.



Simão Souindoula

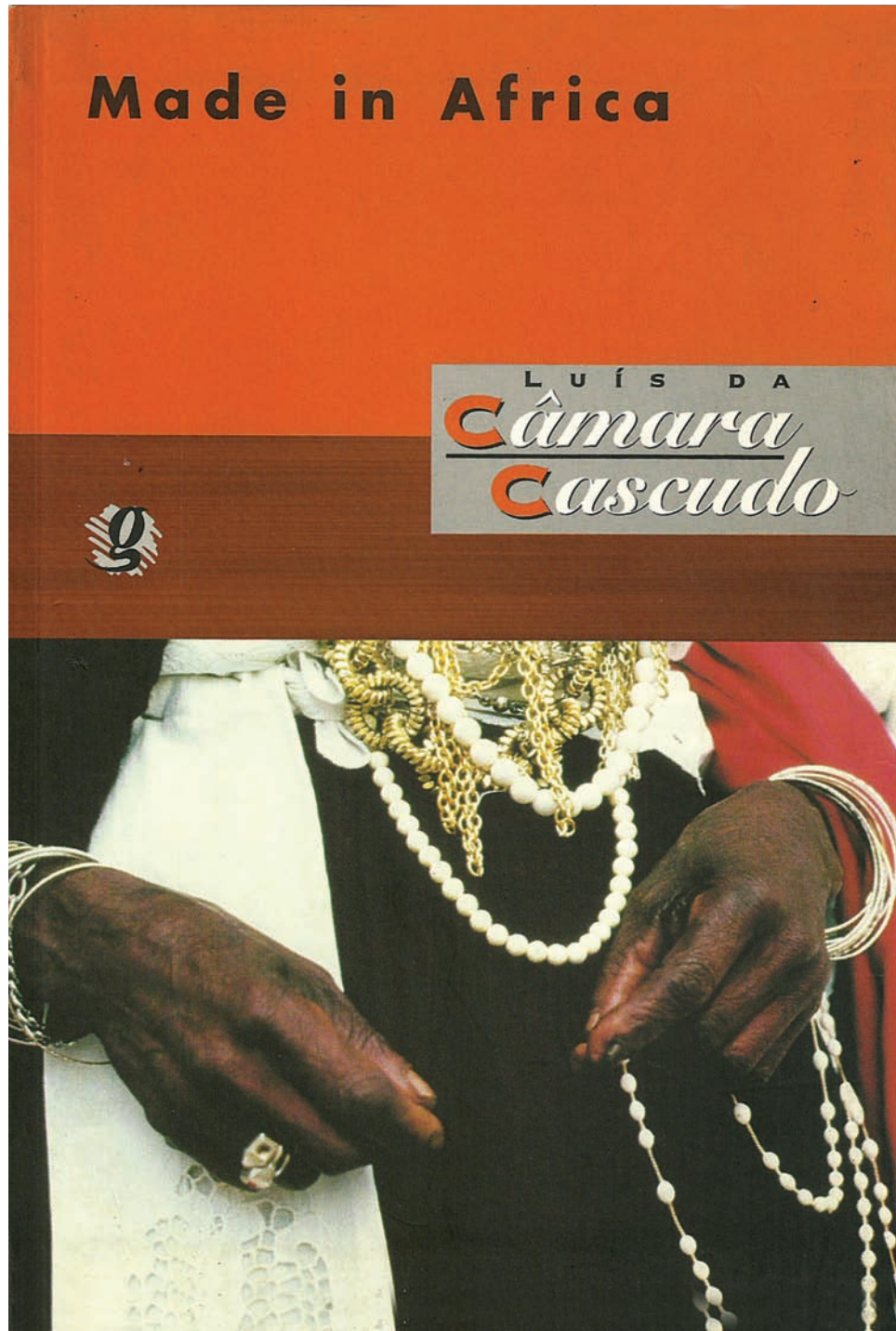
Esta admirável síntese acaba de ser, por via da Editora Global, republicada, a justo título, pela terceira vez em São Paulo. Alongando-se sobre 183 páginas, a obra articula-se numa trintena de textos brilhantemente escritos sobre a translação das sereias de Angola para a contra-costa americana, das expressões civilizacionais kongo, da extraordinária epopeia da Rainha Jinga, do imenso sucesso aracial do lundu, a insinuante expressão cafune e a confortável maxila.

O autor, que trabalhou nos fins dos anos 50 com o erudito angolano Óscar Ribas, estudioso que foi sempre muito respeitado no Brasil, aborda, em seguida, as incessantes cantigas que fazem lembrar Loanda, a cidade mítica das origens; o popular hábito alimentar “farofa”, do kimbundu “kuvala ofa”; a refrescante gongoenha, cuja etimologia no falar de Heli Chatelain é “ngongo menha”.

O escritor do Rio Grande do Norte atesta a absoluta crença dos angolenses no Zumbi, a grande deferência a Cabinda Velha e a importância acordada pelos mundongos desterrados ao precioso jimbo ou gimbo. Enfim, aborda, em seguida, o quadro semântico, múltiplo, do termo “milonga”.

O investigador nordestino, após ter ligado as water genius da ilha de Muazanga com as de Bahia, Rio de Janeiro e Recife, aborda a inalterabilidade nas tradições afro-brasileiras do coroaamento do Rei do Congo e ilustra este facto antro-po-lítico com um maracatu pernambucano, assim como uma cerimónia relativamente ocorrida em Recife, já em 1674.

Segundo Luís Camara Cascudo, o Muene Ekongo é o único Soberano africano cuja figura foi reassumida nas Américas e Caraíbas. Insiste na impressionante extensão geográfica das congadas e na densidade dos seus conteúdos (cenas, sketches, bailados, cantos uníssonos, embaixadas, figurações de batalhas, representações co-



reográficas, etc.), apoiados, como na festa do Natal de 1900, pelos batuques zambes, evoca naturalmente o jongo e a xiba.

Convulsão inebriante

Analisa o libidinoso lundu ou londum que o capuchinho italiano Bernardo Maria de Cannecatim considerou, no início do século XIX, como uma das mais condenáveis exposições coreográficas de Angola.

Notar-se-á que esta foi introduzida em Portugal, nas primeiras décadas do século XVI. É tão aturadamente bailado que o Rei D. Manuel a proibiu. Pena perdida, pois continuou a ser exibida em Lisboa, entretanto com a denominação de meigo londum gostoso.

O açucarista e escravagista António de Moraes Silva qualificou em Jaboação, perto de Recife, esta manifestação como indecente; e Charles Ribeyrolles

(1858-1860) prognosticou: “é uma dança louca”.

Uma das apreciações moderadas sobre a convulsão inebriante bantu, veio, em 1842, do Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, residente em Recife, que admirava, depois do baptismo dos nbundos, o belo “landum chorado”.

Sílvio Romero, isto em 1888, atestou que o impacto social desta furiosa ostentação dos seios, das ancas e dos quadris foi tão significativo que estava a ser ensinada nas escolas como o lundu do marruá ou lundu do mon roy,

Este excepcional desenvolvimento do “quente lundu”, dança chula do Brasil, foi confirmado em Paris pelo Barão de Sant’Ana Nery, em 1889, um ano depois de Sílvio Romero, numa obra prefaciada pelo Príncipe Roland Bonaparte, “le lundu, on le danse dans tout le Bresil. Il est d’origine noire”.

Infelizmente, por consequência das contínuas e seculares campanhas da puritana evangelização, este baile abrasador desapareceu em Angola. Mas ainda está vivo no Brasil.

Sobreviveu na actual batucada, alteração do envelhecido batuque que, com o seu virulento veneno rítmico, dominou o Brasil.

Veio do Quadrilátero. Em 1937, na sua apreciação desta expressão corporal, o austero Alexandre da Silva Correia, na sua obra Historia de Angola, avisa, igualmente, “é uma dança obscena”.

Com a sua adaptação ibérica, Luís da Câmara propôs uma análise da pluralidade significativa do termo milonga; milongueiro, milonguita. Recorre, para uma das variantes significativas, à Barbosa Rodrigues que certificou em 1886-1887, no Estado da Amazonas, o milongo como, evidentemente, remédio, feitiço, talismã. Afirma que é um termo africano imiscuído na língua geral.

E conclui no facto do congo, do Paicongo, do Tio Angola e de Cabinda puro, que este todo fiote, como se diz em fala popular no nordeste, deve se ter cristalizado com os seus valores humanos na personalidade do povo brasileiro; processo de inculturação provado pelas centenas de brasileiroismos vindos, nomeadamente, do Reyno de Manicongo.

Outros valores foram preservados através da memória da Rainha Nzinga. Em 1944, o memorialista que publicou no Rio de Janeiro o estudo “A Poltrona da Rainha Jinga” certifica, na base do testemunho de Von Martius, em Junho de 1818, recolhido em Tijuco, Diamantina, Minas Gerais, que aí foi eleita uma Rainha Xinga com os mafucas.

Para ele, é a única monarca feminina que continua íntegra na memória dos afro-brasileiros; prova com a relevante e marcial evocação da Princesa de Gabazo nas congadas do nordeste do Brasil, da qual chegou à conclusão que “Jinga vive”.

Nesta sua terra natal, o escritor evoca o bom funji, o roi-funge e o funje do almoço, através do livro Vocabulário Pernambucano de Pereira da Costa, de 1937, que em 1914 recolheu dados no Jornal de Recife.

Para que as relações dos dois emergentes não sejam somente mercantil, mas sim assente dialecticamente em valores humanos, “Made in Africa”, obra resultante de uma pena talentosa e de uma leitura agradável, merece nos dias de hoje uma edição angolana.



Tufo a dança das muthianas horeras

Por Eduardo Quive – Maputo

Seguindo a divisão geográfica das danças tradicionais moçambicanas, estaríamos no norte província de Nampula. Teríamos viajado para a Ilha de Moçambique, a foi a primeira capital daquele país banhado pelo Índico, de onde vem uma das mais emblemáticas danças moçambicanas. Mas porque o mistério une os homens, acabamos ficando no mítico bairro de Mafalala, casas de madeira e zinco de onde, misteriosamente, saem os mais bem sucedidos homens da cultura de Moçambique como o poeta José Craveirinha. Íamos ao encontro de uma dança que só se pode fazer por mulheres bonitas e até sensuais em estejam de contacto saudável como a vida. São elas as famosas mulheres bonitas de Nampula, chamadas na língua daquela província “Macua” por “Muthiana horera”.

Nunca uma expressão poderia definir e sintetizar (melhor) a cultura de um país como, no coração de Maputo, acontece com o Bairro da Mafalala. Curioso ou não, o facto é que é no interior do referido subúrbio onde se encontra uma colectividade artístico-cultural que define os povos da primeira capital do país, a Ilha de Moçambique. No entanto, meio século depois da sua criação, para muitos, o Grupo Tufo da Mafalala mantém-se uma relíquia sociocultural por descobrir.

Além de trabalhos de investigação científica no campo do conhecimento das letras e ciências sociais, bem como uma série de movimentos socioculturais e artísticos realizados sobre a Mafalala, nos últimos anos, em resultado disso, muita literatura tem-se tornado fecunda no país.

A Mafalala é um espaço a partir do qual muitos cidadãos moçambicanos descobrem as suas referências de ancestralidade, de culturas e tradição, assim como de identidade. A par disso, nem vale a pena referir o contributo de diversas personalidades moçambicanas que, em função do seu desempenho em diversas áreas de produção social, cultural, desportiva, entre outras, concorreram para que Moçambique se fizesse conhecer no mundo.

De qualquer modo, deixando-se esta contextualização à parte, importa referir que é no interior do referido bairro (em certo sentido mítico e lendário) onde se encontra o Grupo Tufo da Mafalala, uma colectividade artística e sociocultural feminina que se dedica à dança com o mesmo nome, o tufo.

Sobre a dança, certas fontes históricas referem que a sua origem é árabe e é ligada à religião muçulmana. Grosso modo, invariavelmente, o tufo é praticado em cerimónias festivas incluindo determinadas efemérides específicas do calendário islâmico.

Outro dado peculiar é que o tufo, enquanto uma forma de manifestação

cultural, é essencialmente praticado por mulheres, o que faz com que, os homens participem na qualidade de instrumentistas.

Símbolo de União

Segundo fontes ligadas ao Grupo Tufo da Mafalala, em Maputo, a colectividade em alusão é unicamente constituída pelas muthianas horeras (o mesmo que mulheres bonitas), originárias da província de Nampula.

As referidas mulheres, por diversos motivos que animam o êxodo rural entre outros tipos de migração, encontrando-se na capital do país decidiram congregar-se numa colectividade artística que, além de ter o nome de uma manifestação cultural, concorre para que por seu intermédio se divulguem, promovam e perpetuem muitos traços da tradição e cultura do povo de uma parte importante da África oriental, a província de Nampula, no norte de Moçambique.

Se quisermos ser mais concretos, podemos afirmar que a dança tufo tem origem na Ilha de Moçambique, mas, na actualidade, muito em particular em resultado da formação do grupo em análise, esta manifestação artístico-cultural é exibida nos palcos das principais casas culturais das capitais provinciais de (quase) todo o país.

Mais importante ainda é que, por exemplo, a partir de Maputo, o Grupo

Tufo da Mafalala já realizou digressões para alguns países africanos como a vizinha África do Sul, em 2003 a Argélia, no ano 2009, no contexto do Festival Pan-Africano.

Quer em resultado da escassez de convites para realizar concertos de dança, quer por (uma provável) conexão com organizações políticas do Governo moçambicano, ou quer ainda pela compreensão dos governantes em relação à propriedade que o Grupo Tufo da Mafalala exerce no tópico da representação da identidade do nacionalismo moçambicano, o facto é que esta colectividade tem-se apresentado (mais) em cerimónias de recepção de personalidades políticas estrangeiras que visitam o nosso país.

Em certo sentido, as bailarinas do Tufo são um dos nossos principais atractivos e/ou encantos culturais para o mundo.

Verdadeira força de unificação da mulher macua em Maputo, as Tufo da Mafalala são uma proposta irrecusável em cerimónias de casamento – acreditam alguns cidadãos que têm demandado os seus serviços.

Dança do encantamento

Recuse-se quem quiser, mas perante os traços de uma sensualidade prudente que as bailarinas, em consonância com a musicalidade que as suas vozes produzem, nada nos impede de

afirmar que o tufo é, sem dúvida nenhuma, uma dança do encantamento. É como explica Mariamo Juma, membro da colectividade:

“maquilhadas de mussiro, uma espécie de loção que se aplica no rosto, a selecção rigorosa da indumentária incluindo algumas quinquilharias com que se adornam são os elementos fundamentais, quase determinantes para a execução da dança”.

Geralmente, as mulheres e as raparigas que praticam o tufo usam um uniforme constituído por capulana, blusa e lenço, quase sempre de cores garridas. As capulanas são amarradas à cintura, uma por cima da outra, cobrindo as pernas.

Não menos importantes são os aportes que Júlio Silva, um investigador moçambicano que explora o campo dos ritmos e instrumentos de música tradicional moçambicana, acrescenta sobre a referida manifestação cultural:

“para a execução da dança, as mulheres dispõem-se em fila segundo a altura de cada uma. A coreografia é suave e privilegia o movimento cadenciado dos pés, dos braços, das mãos, da cintura, enquanto as dançarinas inclinam o tronco e a cabeça, tudo isso coordenado ao compasso da canção entoada por elas próprias”.

Meio século de existência

De acordo com Mariamo Majuma, o Grupo Tufo de Mafalala foi fundado há cerca de 50 anos. Ainda que não nos tenha sido possível apurar o nome do seu fundador, sabe-se que ele é progenitor do actual presidente da colectividade, Momad Matano.

Na companhia da sua esposa, Zaquia Rachid, Matano disponibilizou a intimidade da sua residência, no bairro da Mafalala, para servir de palco de ensaio preparatório das coreografias e canções que, invariavelmente, são realizadas com o auxílio do matuara (bataque), um instrumento cujas sonoridades são um verdadeiro encanto para os apreciadores da dança tufo.

Como já foi referido, os motivos que fundamentam a presença da mulher macua em Maputo são vários.

No entanto, um aspecto interessante é que estas mulheres, bailarinas de nascença, no seu processo migratório carregam consigo inúmeros fragmentos da sua cultura como, por exemplo, alguns hábitos, práticas, costumes e tradições que quando associados não somente facilitam a edificação do tufo no novo espaço geográfico como é o caso da cidade de Maputo, mas também de outras formas de dança nampulense como a m'sope e a massépwa.

Um sentido de vida

Convenhamos então que, provavelmente, se questionássemos o sentido que a partir do cômputo dessa manifestação social – a migração, a manutenção de símbolos e signos culturais no espaço de chegada e o zelo para que



os mesmos não desapareçam – se produz para o povo, não estaríamos a realizar uma indagação (muito) profunda.

Por isso, o comentário que Mariamo Majuma engendra em função da nossa questão não se revela desproporcional. Para si, o facto é que “na nossa cultura, quando uma pessoa não pratica a dança não se sente bem. É como se não estivesse completa. Praticar o tufo tem um valor especial nas nossas vidas.

É uma acção que nos distingue dos demais povos. Por exemplo, no nosso país há muitos povos oriundos de outras regiões do continente africano. Se prestarmos atenção perceberemos que cidadãos nigerianos, congoleses, zimbabueanos, por exemplo, têm traços que os distinguem uns dos outros”.

Verdadeiras donas de casa

Em contacto com o nosso repórter sociocultural, as bailarinas do Grupo Tufo da Mafalala revelam que, para si, a vida é quase impossível caso seja apartada da prática da referida dança. Entretanto, nem por isso, as macuas se distanciam das responsabilidades da gestão da família.

Além das actividades domésticas, as muthianas horeras desempenham um papel determinante para garantir o sustento das suas famílias. Isso equivale a afirmar que elas auxiliam os seus maridos no sustento do agregado familiar.

Sabe-se, porém, que além de algumas actividades económicas que realizam, as integrantes do Grupo Tufo da Mafalala praticam o xitique, uma espécie de poupança rotativa, o que em certo grau assegura a estabilidade económica dos seus lares.

Em resultado disso e de outros factores, a mulher macua tem recebido um apoio total do seu parceiro, o que muitas vezes resulta em casamentos de longa duração.

Há quem opina que a estabilidade que reina no seio das famílias cujas esposas são membros do Grupo Tufo da



Mafalala se deve ao facto de travarem uma relação (contínua) de irmandade.

Assim, como uma colectividade que é, o Grupo Tufo da Mafalala representa um centro de convergência de valores e princípios morais, preservando a cultura nampulense.

Dificuldades que originam sonhos

Se é verdade que a beleza da indumentária com que as bailarinas do Grupo Tufo da Mafalala se apresentam em palco é um forte instrumento de comunicação que, de certa forma, contribui para despertar a atenção do público sobre a colectividade, falso não parece ser que para a sua aquisição é preciso despendar recursos financeiros, algo de que, muitas vezes, a agremiação não dispõe.

Em resultado da organização que se nota, os membros concordaram em

criar um sistema de cotas que lhes garantem a posse de um fundo financeiro sempre que for necessário. No entanto, nem sempre é confortável despendar dinheiro.

É por essa razão que, diante das referidas dificuldade, as bailarinas acreditam que se houvesse um filantropo que – fazendo jus à política de mecenas – lhes apoiasse com um conjunto de máquinas de costura de modo que possam edificar uma indústria costureira, determinados entraves com os quais se debatem seriam suavizados.

Infelizmente, até ao fecho da nossa matéria, o sonho do grupo não passava de uma utopia. Ou seja, nenhuma instituição se havia predisposto a apoiá-lo. Enquanto isso não acontece nada melhor que afogar as mágoas que daí derivam na dança, muito em particular, quando se reconhece que a arte também tem um valor terapêutico.



António Quino

Bichota da velha baixa

CONTO

Bichota Xaxada sempre se pensou mulher já feita. Saía atirando intimidades pelos cantos, na luz e na sombra, da rua, da ruela e do beco em diante. Ainda na flor dos 17 anos e já a moçada de fífias lá do prédio conhecia aquelas esquinas do seu corpo que as roupas miúdas por vezes fingiam guardar.

Todos a queriam. Mas quase todos já a sabiam. Bichota sagabava por isso.

A sua mana, Ximita Xaxada, muito mais comedida e religiosa, media os palmos e, tal como a sua mamã Fefa, também aconselhava a sua irmã a ter cuidado com a vida. Avisava com sexo não se brinca. Dizia diziam mana Chela lá da praça Maria da Fonte, primo Pedro da CADA, Teresuca da dona Amália, Avelino do Musseque Cabeça e Melinha do bairro Saneamento parece morreram dessas coisas do sexo. Mas pensa Bichota queria saber?

Nessa vida, Bichota andou por algum pouco tempo, pelos prédios da baixa luandense andando. Do Prédio Campeão ao Colorama, cruzando o cinema Império até chegar às portas do bairro Indígena. Andou andando, andou andando instruindo lares como alimento de sonhos alheios, alimentando esperanças, pesadelos e desejos, metendo engates e tirando manias. Bichota papava sem papas no corpo. O seu fogo não se apagava. Mas o dos outros ela extinguia como um bombeiro voluntário bastante activo.

Na baixa luandense, poucos queriam dispensar uma chamazita quando a Bichota Xaxada estava por perto. Sempre disponível e acessível, com as suas exuberantes pernas e roliços peitos cheios, com os lábios fingindo serem flor de erva daninha cujas pétalas se abrem gulosamente bastando nascer o dia.

Mas foi efémera a sua mangonha. Hoje, todos lembram Bichota Xaxada, a menina do Largo Almirante Baptista de Andrade, amada até pelo afamado major do prédio Carvalho & Freitas. Menina frequentadora da geladaria e cervejaria Baleizão, ao Largo Infante D. Henrique. Menina que no Liceu passou charme e repetidas ausências nas aulas. Até antigos professores sentem a falta dos seus engates e atrevimentos. Contam mesmo mulheres casadas se lembram dela com nostalgia, porque homem alheio sempre devolveia quase inteiro poucas horas depois. Não como outras que queriam tudo e estacionavam já como segundas. Mesmo quem viveu na Calçada do Município já deve ter ouvido fa-



lar dela. Ainda hoje o seu nome passava pinchado com o morto castanho morto do avô abacate, em paredes encardidas de vivos prédios mortos já cansados e maturados pela história, que maltrapilha por desreconhecer neles passos do passado.

Quem a conheceu sabe que Bichota ficou nessa vida eternamente, embora, dizem que por doença no sexo, tenha existido entre nós numa vida bas-

tante curta.

Em Luanda, aos 25 de Janeiro de 1999

ANTÓNIO QUINO nasceu no bairro da Calamba, em Luanda. É jornalista e mestre em ensino de literaturas em língua portuguesa. Actualmente, é o director provincial de Comunicação Social do Bengo, é colaborador permanente do *Jornal de Angola* e colunista do *Jornal O País*, assinando o espaço quinzenal "Coluna invertida".

Igualmente, é docente no Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (ISCED-Luanda) e lecciona cadeiras na área de literatura.

É membro do colégio de estudos literários do Isced-Luanda e do secretariado da Kulonga, revista de ciências da educação e estudos multidisciplinares do ISCED-Luanda. É, também, membro do Conselho editorial da *Maka*, revista de Literatura & Artes, da União dos Escritores Angolanos.

Poemas de Francisco Rebello

DA VIAGEM EM QUE EU CHEGAR

Da viagem em que eu chegar
Vou-te compensar
a solidão dos dias
Vou-te saciar
a fome das tuas noites
Vou pagar
cada minuto que perdemos
Beijar cada ponto do teu corpo
Cada palavra
Cada pensamento
E sonhos e esperanças
E a vida vai brotar de novo

Como a Primavera em nossas almas.

BAR DOCE BAR

Bar doce bar
É o nome do lar em que me sinto
Do lugar sem nome em que me sento

O bar que me faz voar
Onde em cachoeira ferve o absinto
Onde o tempo corre com o vento

Lar doce lar
É o nome do bar em que me acolho
Onde sinto o conforto assaz

O lar que me faz parar
Como ave que descansa
E que enfim encontra paz

TEU CORPO É A MINHA MESA

Teu corpo é a minha mesa
Teu amor o meu festim
Descubro sempre em surpresa
O que Deus fez para mim

A ventura traz-me o vento
Muito mais que a merecida
Sou feliz há muito tempo
Tanto quanto dura a vida

Espanto a tua beleza
E de me amares assim
Nada na vida me pesa
Se estiveres ao pé de mim.

DÉDALO DO ENCANTO

Escrevo versos no teu corpo
Corro-te a boca a carne
Ponto a ponto
Canto a canto

Persigo-te a mão as formas
O dédalo do encanto
E renovo as mesmas rotas
Sentindo o primeiro espanto

És vela do meu navio
És navio da minha armada
Do teu mar eu sou o rio
Da tua voz enseada

Roubo-te franco a língua
Esmago-te assaz o peito
E então que já sou nada
Entro-te o rumo estreito

AMOR DOS PEQUENOS GESTOS

É nos pequenos gestos
Nas mínimas acções
Que o amor é manifesto
E pleno de atenções

É no olhar presente
Na quotidiana devoção
Que o amor se sente
Que se descobre o coração

Não é no olhar distante
Mas na intenção
Que a qualquer instante
Do gesto sabemos a razão

São mínimos rasgos
Quase sem expressão
Olhares serenos como afagos
Verdade sem senão.

QUALQUER DIA É BOM PARA TE VER

Sexta terça quarta, quinta
Hoje que dia é da semana ?

São sempre dias de festa
Os dias em que te vejo

Perco a hora perco a data
Só teu nome nunca esqueço

Os dias todos conheço
Apenas quando tu estás

O tempo que por mim passa
Só o sei se tem teu rosto



Francisco Montanha Rebello nasceu em Luanda, em 13 de Fevereiro de 1939. Começou os estudos no colégio interno no Monte Estoril, a partir dos oito anos de idade. Regressa a Luanda para fazer o 5º ano, que completa em Silva Porto, Cuito, fazendo depois, no Liceu Salvador Correia, os 6º, 7º e Admissão à Faculdade de Direito de Lisboa, que frequentou ingloriamente e sem interesse, até se retirar para Paris, onde se formou em Gestão de Empresas. Volta a Angola onde trabalha como Gestor e Empresário até regressar a Portugal, em 1975, onde se fixa. Retorna a Luanda em 2010, onde participa num projecto que muito o entusiasma.

CUPAO DE ASSINATURA

Favor preencher, recortar e enviar, com o comprovativo do depósito bancário, para:
Cultura jornal de Artes e Letras - Serviço de Assinaturas
Rua Rainha Ginga, 18-26, Caixa Postal 1312 / Luanda - e-mail: cultura.angolana@gmail.com

Assinatura anual (50.00 kz por número) x 24 números = 1.200.00 kz (Mil e Duzentos Kwanzas).
Caso deseje que enviemos o jornal, o valor acresce em 10% = 1.320.00 kz (Mil, Trezentos e Vinte Kwanzas).

Desejo fazer a assinatura de _____ números anuais, no valor de _____

Nome: _____
Endereço: _____
Caixa Postal: _____
Cidade: _____
País: _____
Telefone: _____
Email: _____

Conta para depósito dos valores ou transferência bancária
Banco: BCI - Banco de Comércio e Indústria
Conta em kwanzas: IBAN: AO 06 0005 0000 00120378103 91
Conta em USD: IBAN: AO 06 0005 0000 00120378153 38

Nota: o pagamento também pode ser efectuado a pronto, junto do balcão de vendas das Edições Novembro.

Efemérides

2012 Ano Internacional das Cooperativas | Ano Internacional da Energia Sustentável para Todos 2003 – 2012 Década da Nações Unidas para a Literacia – Educação para Todos
2005 - 2012 Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável | Segunda Década Internacional
dos Povos Indígenas do Mundo 2005 – 2015 Década Internacional para a acção, “Água para a Vida” 2008 - 2017 Segunda Década das Nações Unidas
para a Erradicação da Pobreza 2010 - 2020 Década das Nações Unidas para os Desertos e a Luta contra a Desertificação.